

Jaider Esbell
33 anos

Nasceu na cidade de Normandia, Estado de Roraima. Poeta e Artista Plástico inicia sua trajetória literária com esta obra.



Terreiro de Makunaima – Mitos, lendas e estórias em vivências é um livro que tem a alma e o coração do povo de Roraima.

Nas dez estórias aqui contadas, o autor busca contemplar os diferentes personagens que na linha do tempo, e aos seus modos, contribuíram para a história desta terra.

O livro é uma homenagem especial aos nativos e suas tradições milenares, à sabedoria primitiva, por vezes esquecida, mas enraizada em todos as manifestações e expressões culturais.



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

BRASIL
PAIS BICO E PAIS SEM OMBRELA

Esta obra foi selecionada pela Bolsa Funarte de Criação Literária

ISBN 978-85-84067-31-8



0 788564 067318

J A I D E R E S B E L L

TERREIRO DE MAKUNAIMA

Mitos, lendas e estórias em vivências

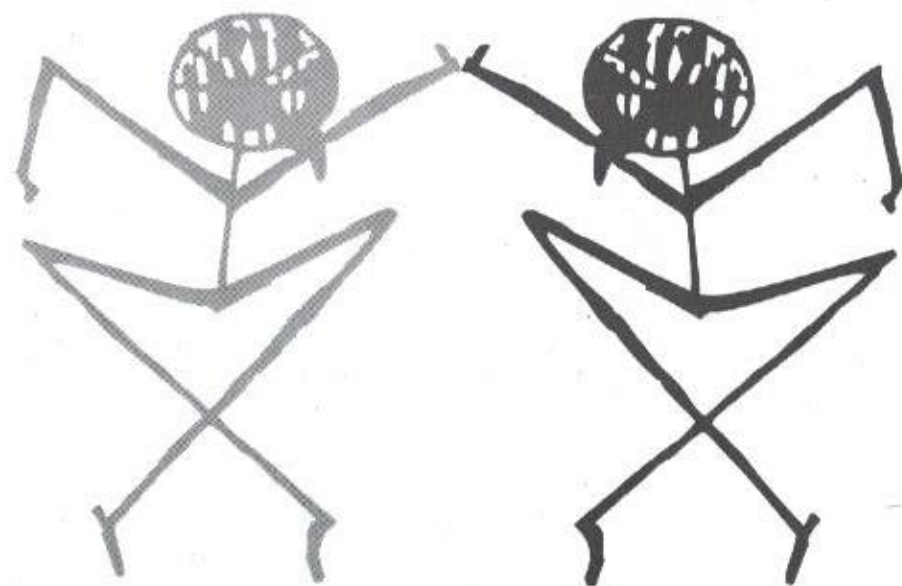


398.1
E74t
ex. 4



TERREIRO DE MAKUNAIMA

Mitos, lendas e estórias em vivências

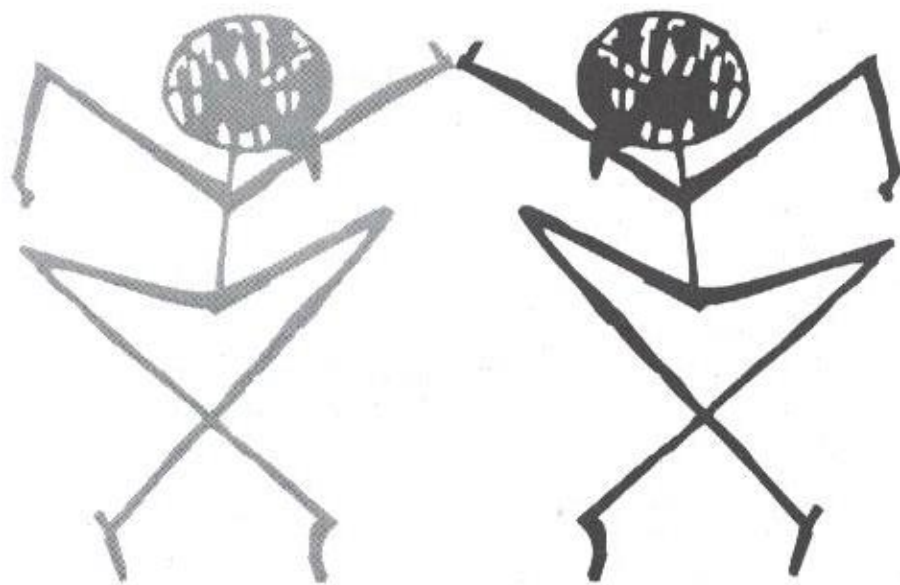


JAIDER ESBELL

UFRRJ
Biblioteca Central

TERREIRO DE MAKUNAIMA

Mitos, lendas e estórias em vivências



Esta obra foi selecionada pela Bolsa
Funarte de Criação Literária



Boa Vista - RR Mar/2012

UFRR
Biblioteca Central

Copyright © 2012 Jaider Esbell

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/98. É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização prévia do autor.



Capa
Otávio Coelho

Ilustrações
Jaider Esbell

Revisão
Parmênio Citó

Projeto Gráfico e Diagramação
Otávio Coelho
Cláudio Cardoso



*338.1(833)
E748 ex.4
Antropologia - MD
Cultura Popular
mitos
lendas*

Esbell, Jaider
Terreiro de Makunaima, Mitos, lendas e estórias
em vivências/Jaider Esbell - Belém - Cromos.2012.

134 p.ilustradas

ISBN: 978-85-64067-31-8

1. Literatura Brasileira 2. Literatura Roraimense



Editora Cromos
Av. Senador Lemos, 4607
Cep:66120-000 (Sacramenta)
Fones:(91)8213-9558/8882-2908
Email: editora_cromos@hotmail.com
Belém - Pará - Brasil

A todos que enxergam
o mundo com os olhos
de uma criança.

C 36510

80078831

ÍNDICE



Prefácio	09
1 - Uma Vez Mais	13
2 - Natuco O Pássaro da Noite	25
3 - A Caminho da Escola	33
4 - O Dia Seguinte	45
5 - Casa de Farinha	59
6 - Cavalos Selvagens	71
7 - O Amanhecer na Aldeia	79
8 - O Canaimé Curumim	91
9 - A Encantada	103
10 - Um Dia no Sítio	115

PREFÁCIO



Antes, há muito tempo, Makunaima brincava sozinho; nesse tempo, ainda era criança. Depois, Makunaima cansou de brincar sozinho e quis ter filhos; assim, criou todas as tribos. As tribos vieram das formigas e, tão numerosas quanto, se espalharam no terreiro. Então eles brincaram muito no terreiro, que era o lavrado, a planície, as montanhas e a grande floresta. Um dia, Makunaima subiu bem alto e de lá, viu gente diferente, cor de poeira. Makunaima desceu assustado e reunindo todo mundo falou: vem mais gente para brincar. Mas eles não acreditaram. Logo os homens cor de poeira chegaram, pelo rio, mas não queriam brincar. Queriam explorar o terreiro. Das tribos, uns fugiram, outros ficaram e sofreram, outros foram levados embora. Makunaima muito triste, sem poder ajudar, pois era apenas uma criança, se recolheu bem quietinho e dormiu por muito tempo com o coração amargurado. Numa tarde, levantou para passear no terreiro, encontrou tudo diferente e não vendo nenhum de seus filhos, voltou ainda mais triste. Mas alguns resistiram, ficando invisíveis por um tempo, enquanto tentavam salvar um pedacinho que fosse do terreiro. Um dia, depois de muito pelear, conseguiram de volta parte do terreiro, e só tinham forças para cantar. Cantaram todos juntos com os braços dados, batendo o pé com força no chão para acordar Makunaima. Makunaima vem brincar de novo. Repetiram esse canto por vários dias e a terra tremeu até acordar Makunaima. Makunaima acordou pela força da voz e ouvindo risos, viu que eram seus netos, então acenou do alto da serra, desceu ao terreiro e brincou muito com eles novamente.

O Autor

UMA VEZ MAIS



Há horas sentada naquela sombra de tarde, sentindo o vento do campo e o perfume da vida passar entre cochilos num mormaço, a avó levantou e, decidida, chamou o netinho.

Como crianças em segredo, saíram descendo para a beira do igarapé que passava ali perto, fazendo aquele barulhinho convidativo.

O menino curioso como era, e gostando muito da avó como gostava, seguiu-a exultante. Andava depressa, um pouco à frente, como fazem os homens grandes, com suas armas em punho, cautelosos e vigilantes.

Mas era só uma criança e sabia ser.



Com tanta beleza no caminho, escolhia apreciar o movimento dos bichos; os pássaros, lagartos e tudo que se movia. Até cobras ele procurava ver.

Aqueles bichos deslizando entre as folhas lhe causavam um misto de fascínio e pavor.

Um menino travesso como todos.

A senhora andava devagar como é típico dos velhos. Aquele andar ensaiado com movimentos precisos. As mãos mais firmes que os pés, apoiadas às costas ou segurando uma varinha de cajado.

Dar aquela voltinha não podia mais, estava fazendo às escondidas, pois era observada por uma neta maior que num descuido deixou a velha sozinha. Foi quando resolveu arriscar a fugidinha.

Nunca aceitou essas vigilâncias. Desconfiava que a atenção que lhe davam era mais por pena que por gosto.

A dor que sentia no corpo era mais na alma que pesava.

Estava velha sim, mas cheia de vida e saudade das andanças, das longas viagens da juventude.

Hoje, só lhe restava a companhia dos netos e outros meninos parentes. Vivia sentada num silêncio eterno, olhando as cores das estações pela janela. Ouvia os antigos pássaros que embalaram suas tardes na tenra idade de menina sonhadora.

Olhava as crianças correndo, brincando maliciosamente num viço de vai e vem, sorrisos fartos e espontâneos.

Do que riem essas crianças nesse mundo de hoje, pensava. E de tanto olhar a vida tomando forma, se renovando,

a velha senhora quis muito fazer aquele passeio. Aquela tarde ela queria que fosse diferente. E veja o que fizeram.

Andaram um pouco numa prainha de areia fina e logo seus pés estavam sujos de lama. Quanto mais andavam, mais a areia ficava macia. Passaram para o outro lado, pisaram na laje escura, deixando os rastros desenhados na pedra e a mulher suspirou, um pouco cansada, mas foi a saudade que lhe cobrou. Ficaram o tempo de um descanso numa sombra fria e o menino quis saber.

- Aonde a gente vai?

Uma pergunta simples, mas sem resposta. Como podia um sentimento lhe abater daquela forma. Contudo, estar por ali mais uma vez era tudo que queria. Olhou as pedras com limos secos moldados pela última correnteza, as conchas de caramujo desgastadas e as árvores gigantes com as raízes grossas expostas na beira do barranco.

- Vamos só dar um passeio.

Lembrou que estava ali escondida e teve pressa de ir andando.

Acariciou a pedra em busca do cajado e lhe emprestando forças rumaram na caminhada. Caminhava silenciosa com mil pensamentos e o menino imitando o canto dos pássaros.

O menino pisando na poeira do caminho era a tradução da felicidade. Ele já não ia à frente. Confiava o rumo à avó.

Na curva do caminho tinha uma grande copaíba e então estavam no caminho certo.

A velhinha sabia que estava no caminho certo. Afinal

foram anos e anos de vivências. Quando colocava a mão sobre a testa para olhar contra o sol, não era por que estava perdida, mas estava contemplando a paisagem e olhava para trás, para ver se já estavam à sua procura.

Tudo bem até agora e continuaram andando.

- Tá vendo tudo isso aqui?

Perguntava para o neto, levantando a mão e demarcando uma extensão ampla com o braço esticado.

- Essas árvores, todas grandes, quando eu era pequena assim como você elas também eram pequenas e olha só como estão frondosas. Agora eu estou velha, cansada e elas ainda estão crescendo. Quanto tempo será que vive uma árvore dessas?

A velha mais perguntava que respondia e o netinho, sem entender muita coisa, deixava a avó à vontade.

Caminharam mais um pouco entre umas moitas fechadas com arbustos trançados que quase lhe levam ao chão. Porém, atravessou ilesa e do outro lado tinha um lago quase seco, com pouca água e alguns pássaros pescadores.

Pararam ali mesmo na sombra de uma manga braba centenária. Sentaram nas raízes expostas descansando por mais um tempo.

Nisso, foi o menino que vendo a avó perdida em pensamentos resolveu perguntar.

- Vó o que tanto que a senhora pensa?

Dessa vez, foi fácil responder, a avó só estava relembrando alguns detalhes que já lhe fugiam da memória.

- Queria te contar uma história, vamos mais ali perto da

água.

Caminharam para o centro do lago onde ainda tinha um pouco de água e as aves pescadoras voaram.

- O que eu mais queria era fazer tudo de novo só mais uma vez.

Dizendo isso, a velha foi se ajeitando e por fim conseguiu sentar bem acomodada na beira do lago. Bem na beirinha mesmo, podia tocar a água com a mão se levasse o braço à frente. O menino sentou bem ao lado dela e foi logo botando os pés na água.

Saudade, é coisa que você ainda não conhece, mas um dia quando ficar velhinho assim como eu vai entender o que eu estou falando.

O menino, mesmo brincando com a lama, não deixou de prestar atenção nas palavras da avó, que para ele era mais misteriosa que toda a natureza ao seu redor.

A avó pegando um pouco de lama nas mãos começou a massagear levemente a argila e desatou a narrar passagens marcantes de sua vida.

- Sabe, quando eu era pequena assim como você eu costumava vir aqui neste lugar com a minha mãe. Ela fazia muitos potes e era aqui que ela vinha retirar o barro.

- Saía sozinha com o balde e os cachorros e me pedia para ficar em casa cuidando dos meus irmãos. O meu pai, o teu bisavô, estava na roça, que ficava longe, lá no pé daquela serra ali.

- Eu ficava em casa e quando os meninos dormiam, eu

vinha devagarzinho, seguindo os rastros dela e ficava escondida um bom tempo vendo o que ela estava fazendo.

- Fiz isso várias vezes e foi assim que comecei a aprender o segredo de fazer pote. Saiba que não é todo mundo que pode fazer pote e o barro deve ser o barro certo e isso também é parte do saber.

- Tudo isso que eu tô te falando, foi minha mãe quem me disse, assim mesmo, nós duas numa tarde de sol como estamos agora.

- Um dia eu estava escondida, como sempre observando à espreita o trabalho, quando ela me chamou em voz alta. Sabia que eu estava ali e disse que era hora de eu começar a aprender alguma coisa na vida, pois, como ela disse, eu já estava uma moça.

- Sentei ao lado dela e escutei atentamente. Ela me disse que antigamente os parentes também usavam os potes para enterrar o corpo dos mortos. Disse que eles enterravam os potes dentro da maloca pro ente querido ficar sempre por perto, na lembrança.

- Depois esse costume foi mudando e o pote era usado apenas para colocar água pra beber. No meu tempo já era assim, o pote de barro era pra colocar água e as panelas também de barro era pra fazer nossa damorida.

- Assim, foi aos poucos me explicando, dizendo que o trabalho de fazer potes e panelas deveria ser feito apenas por mulheres. Que estas mulheres deveriam colher o barro sozinhas e deviam fazer o pote num barracão reservado longe da

convivência com a tribo. Disse que as mulheres deviam estar puras e eu não entendia nada disso.

- Foi quando ela disse que o uso do barro para fazer panela e pote foi ensinado há muito tempo por nossos ancestrais, quando eles ainda vivam todos juntos, homens e deuses.

- Esse ensinamento dizia tudo isso, que o barro, que é a mesma argila, foi dado aos homens de presente numa noite de lua nova. Foi deixado enterrado numa prainha e só podia ser retirado de lá na próxima lua por uma jovem pura, que deveria ir lá sozinha.

- Quando deu a outra lua, a menina moça escolhida foi lá buscar o presente e depois ficou dois dias sozinha num barracão afastado. Quando ela saiu de lá, trouxe várias panelas e potes muito bonitos e bem feitos. Foi assim que tudo começou.

- É por isso que só as mulheres podiam retirar o barro uma vez só no mês, quando a lua estava escura e depois deviam ficar sozinhas, trabalhando num barracão afastado dos homens que são impuros. Quando o pote ou a panela ficava pronto, a lua já tinha passado. Então era preciso esperar a lua escurecer de novo para poder queimar e isso demorava exatamente um mês.

- Era só a minha mãe que fazia pote por aqui nessa região. Depois que ela me ensinou passaram alguns anos e ela nos deixou.

- Eu já estava casada e então passei a fazer potes e panelas igualzinhas aos que ela tinha me ensinado.

- Eu tive que fazer pote para toda essa região também.

Trabalhei muito tempo sozinha, colhendo o barro que mora embaixo da areia. Eu tirava o barro cavando com uma ferramenta, depois lavava, tirando toda a areia e deixando só a argila.

- Levava o barro para o barracão e passava um dia todinho para fazer um pote grande assim.

- Depois era esperar pra queimar e isso também levava um dia inteirinho.

- O barro era bom e os potes ficavam perfeitos, prontos pra colocar água.

- Eu vendi muitos potes, troquei por cavalos e dinheiro. Os fazendeiros me encomendavam e eu fazia do tamanho que pediam.

- Quando o pote ficava pronto, eu e o teu avô ainda tínhamos que levá-los até as fazendas. Era um caminho difícil entre as serras com subidas e descidas feias.

- Cada um montava um cavalo e amarrávamos o pote nas nossas costas. Era um nó especial chamado goiare, uma trança com cipó que não deixava o pote cair no solavanco da viagem.

- Depois muita gente começou a fazer pote de todo jeito, sem conhecer os segredos dos ensinamentos.

- Mas para o pote ficar bom mesmo, só desse jeito que eu te falei.

Nisso, a tarde estava bem adiantada e os dois pareciam duas crianças brincando na lama.

Enquanto contava a estória, a velhinha e o curumim fizeram um pote improvisado com a lama do lago.

Admirados com a sua obra, era difícil saber quem estava mais feliz se a velha ou o curumim.

Deixaram o pote secando e retornaram para casa pelo mesmo caminho.

A velha se sentia leve e realizada. Caminhava feliz e nem pensava na preocupação da netinha que devia ter cuidado dela.

Chegaram em casa junto com uma chuva torrencial e ela voltou novamente à sua rotina. Ficou na janela vendo a chuva por um tempo e então foi para sua rede.

Choveu a noite todinha e pela manhã a velhinha não levantou mais. Parecia um anjo dormindo, encolhidinha no fundo da rede e assim foi, tranquila para o céu. O lago nunca mais secou e o pote ficou lá no fundo para sempre.



NATUCO O PÁSSARO DA NOITE



Há muito tempo, quando a noite e o dia ainda eram como a gente, a noite queria um pássaro para anunciar a sua chegada e mandar os seus recados.

Dentre os muitos que lhe foram apresentados, escolheu um que combinasse com a sua cor. Entre outras coisas, queria que a ave tivesse um canto suave que acompanhasse o vento brando e fosse discreto para percorrer toda a floresta vigiando a bicharada. Escolheu então o natuco, pássaro de voo seguro, com asas fortes e penas largas.

Natuco, não tendo escolha, começou a servir a noite sem deixar que ela percebesse o tamanho de sua tristeza. Não gostou de ter que trocar o dia por ela. Queria mesmo ser um pássaro do

dia e não via a hora de tudo voltar a ser como antes.

Fez uma grande festa para sua despedida e disse que não se preocupassem, pois logo estaria de novo voando com os pássaros do dia.

Dessa forma, a vida de natuco virou de ponta cabeça. Enquanto todos despertavam em assobios, esticando suas asas ainda com vontade de continuar no ninho, natuco, muito cansado e triste, buscava empoleirar-se na árvore mais frondosa, para que não entrasse a luz do dia e assim conseguisse descansar um pouco da longa jornada de trabalho. Escolhia as moitas mais fechadas e escuras e mal pousava no galho já estava dormindo.

O tempo foi passando e natuco tentava por tudo não esquecer como era a vida de um pássaro do dia. Já até se acostumara com a frieza da noite, mas no fundo no fundo mantinha viva uma pontinha de esperança.

Um dia, natuco sonhou com uma árvore que segredou que guardava a cor do dia em suas frutas e no sonho a árvore ofereceu-lhe uma para provar. E disse ainda, que se ele quisesse mesmo voltar para o dia, só havia uma saída, tinha que comer muitas frutas daquelas e espalhar suas sementes por onde voasse.

Natuco muito alegre comeu-a lentamente, com cuidado para não manchar o seu grande bico com a cor amarelada do dia. E no sono esqueceu por um instante o trabalho, quase perdendo a hora. Acordou de sobressalto e saiu feliz como há muito tempo não se sentia.

Depois do sonho, naquela mesma noite e por muito

tempo, o pobre pássaro procurou em vão no escuro o pé da árvore que guardava a luz do dia. Tornou essa busca quase uma obsessão e por toda a noite vagava mais e mais nas sombrias florestas.

Quando já estava quase sem esperança de achar a árvore dos sonhos e sair novamente voando na manhã, resolveu dar um voo sem compromisso, pois era lua cheia e a noite não trabalhava quando a lua estava cheia.

Passou pelo mesmo caminho, encontrou os mesmos bichos de sempre. Conversou um pouco com a coruja, depois consolou a rasga mortalha e seguiu sem rumo, quando viu de relance um besouro enchendo uma bolsa com luz amarela.

Curioso, natuco se aproximou e o besouro assustado voou e se escondeu. Era o vaga-lume que todas as noites enchia-se de luz e saía piscando. A luz vinha da fruta escondida no meio do capim ao pé de uma grande palmeira.

Natuco não teve dúvida que aquela era a árvore que tinha visto no sonho e sentiu-se bobo por ter percebido somente depois de tanto vagar que a árvore sempre esteve muito perto.

Quando viu o cintilar dos vaga lumes ao seu redor, sem saber o que poderia lhe acontecer, acreditando ainda mais no sonho, comeu várias frutas e sujou todo o seu bico negro.

Para tentar limpar-se, esfregava o bico nas penas, mas só conseguia ficar ainda mais iluminado. Já perto da manhã, assustado com o brilho amarelado, não pode mais dormir, pois estava todo manchado da luz do dia e, onde quer que se escondesse, tudo irradiava.

Resolveu então falar com a noite e explicar-lhe tudo, contar-lhe que nunca foi feliz trabalhando para ela e que queria ser substituído.

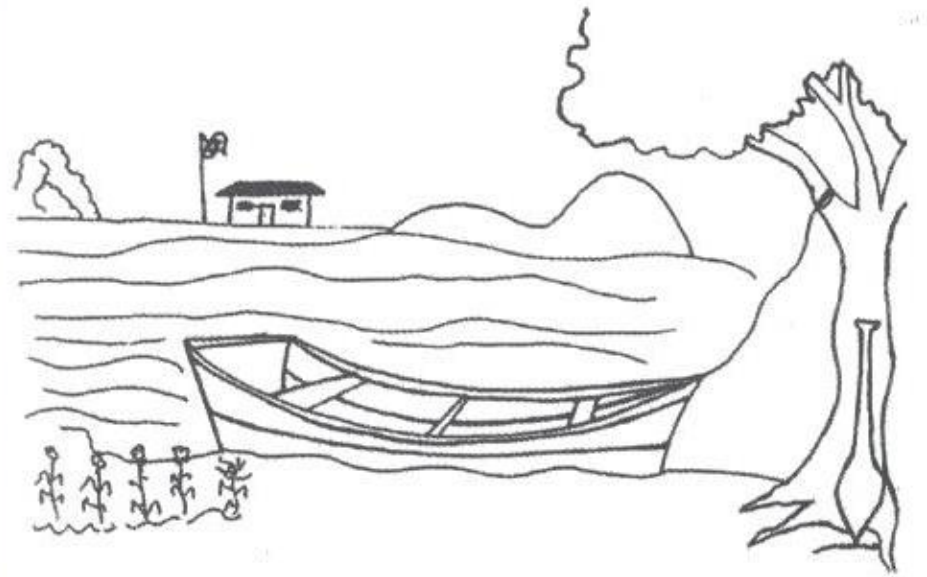
A noite, muito esperta vendo o pobre pássaro todo pintado de amarelo, amedrontado e cansado, mas com semblante de felicidade, entendeu então que já era hora de procurar outro pássaro para levar seus recados.

Antes convidou natuco para ir só mais uma vez à sua casa, onde ofereceu ajuda para limpar-se, pois como estava todo pintado, poderia ser motivo de gozação entre a passarada quando voltasse a ser um pássaro do dia.

Muito emocionada com a despedida, a noite pediu que apenas o bico do pássaro continuasse com a luz do dia, e que durante o resto de sua vida, natuco distribuísse a semente da árvore por todo o campo onde voasse.

Desconfiado com a semelhança do pedido da noite que era o mesmo da árvore no sonho, natuco preferiu o silêncio e, discreto como era, prometeu mais uma vez guardar aquele segredo.

Natuco, o nome dado pela noite, continuou com as penas negras para agradecê-la eternamente, e, já na manhã seguinte, pode voltar a voar no dia com o belo bico amarelo. Deixou no passado o nome natuco e passou a chamar-se tucano e se perdeu no verde dos buritizais.



A CAMINHO DA ESCOLA



A canoa não estava no porto quando chegara. Alguém a pegou emprestado e não conseguiu voltar a tempo. Agora não tinha jeito senão ir buscá-la.

O menino gostou do sacrifício, num átimo, mergulhou aqui e boiou já no meio e, em meias braçadas, estava do outro lado. Natural e belo como o mergulho de um pato. Fazia isso muitas vezes, de dia ou de noite. Atravessava a hora que fosse preciso.

Era assim quando o igarapé começava a encher, quando as águas estavam apenas começando a chegar. A água era turva, da cor de leite, carregada de sedimentos, folhas e restos de troncos de árvores arrastados com as enxurradas de maio.

No inverno, iam para a escola a pé, até a metade do caminho. O resto, iam de canoa. A casa ficava do outro lado igarapé e todos os anos as crianças vivenciavam a dinâmica de aventuras sazonais das grandes cheias e das grandes secas. Cresciam tão seguras de si, que a despedida das águas e a chegada da estiagem, como a alternância entre o dia e a noite, era muito natural.

O que para muitos poderia parecer perigo, atravessar aquele rio, dominando a canoa na correnteza, era algo que os curumins aprendiam logo. Bem antes da idade escolar, quando saíam de canoa com o pai para pescar mandi.

No verão quente e seco, onde o fogo levantava de todos os lados, iam para a escola de bicicleta. A canoa agora ficava no fundo da água, para não rachar no sol, até o inverno chegar novamente ficava ali meio esquecida.

Caminhar descalço entre os repiquetes das enxurradas parecia mais prazeroso. Porém eles também gostavam muito de pisar a poeira branquinha do caminho, no verão.

A paisagem era uma planície de inundação, um corredor de terras planas com alguns tesos mais para o pé das serras. Esse lugar separava a casa, que ficava no campo, da pequena vila onde ficava a escola. No meio do caminho tinha o igarapé.

No teso, a água da cheia não chegava. Havia grandes moitas e muitos cajueiros pontilhando o pasto, onde o rebanho e outros bichos do mato, como os tamanduás e as cascavéis passavam o inverno.

No auge da cheia, o igarapé, que não tinha mais que cem

metros quando seco, parecia agora o São Francisco de tão largo que ficava. Botava baixa como diziam. A baixa também é um lugar, um palco de acontecimentos. É uma porção inferior no nível do terreno contíguo à margem do igarapé. É a primeira a ir para o fundo quando o leito começa a transbordar.

No verão, mantém o capim verdinho e succulento, onde os cavalos pastam logo de manhãzinha. No inverno, então, é um ótimo ponto pra botar malhador. Não tem muitas árvores, não tem correnteza e os peixes grandes perseguem as piabas no berçário e esperam, ali, sem pressa, os insetos náufragos.

Margeada por cordilheiras em ambos os lados, a planície é dividida pelo igarapé que desce mais ou menos no meio. Dividindo a planície e a vida de todo mundo em dois momentos.

Quando estava seco, com terra firme, e quando transbordava, formando um mar doce, deixando só o teso de fora, onde os bichos terrestres se recolhiam para esperar o verão voltar.

No inverno, quando tudo estava muito cheio e encharcado, as crianças iam para a escola e o pai ia pescar mandi. A mãe ficava em casa cuidando de tudo.

No teso, o capim era verde e baixo, com muitas moitas pontilhando o pasto onde os pássaros assobiavam. Mais para perto da serra, havia muitas árvores maiores que adentravam no pasto como se descessem da serra, e se espalhassem no campo nu. Serviam de esconderijo para as vacas ariscas que não queiram ir para o curral.

A Baixa era um território sem dono, sem lei nem regras,

onde em tempos distintos trafegavam canoas e bicicletas, cardumes e rebanhos. Olhando para a nascente, ao lado esquerdo, ficava a Serra Grande. Do lado direito, a Serra do Cruzeiro. Do alto, bem se via do que estou falando.

Sinuoso como uma serpente no deserto, desce escondido pela mata ciliar, o Inamará. Um rio que os nativos atrevidos consideravam ainda um igarapé. Um rio curumim, nesse sentido. Como uma serpente no deserto sim, porque os campos de capim parecem areia, quando seca tudo no verão, e os tesos parecem dunas em movimento.

O igarapé nasceu em uma gruta entre as fendas das rochas. Longe, nas montanhas perto da Serra do Sol, onde ainda hoje a natureza continua virgem. E desceu, percorrendo as silhuetas das serras, brincando e tomando força. Desceu as serras e se estendeu na planície.

Quando chegou já trazia muitas estórias dos povos de cima. Estórias dos povos viajantes que cruzavam e descruzavam aquelas serras. Como hoje fazem os curumins indo para a escola, mas isso foi há muito, muito tempo mesmo.

Hoje, estas estórias continuam viajando nas águas escuras do rio Maú. No Maú é onde o Inamará chega e deságua para virar rio forte e grande. Esse rio só vendo para saber como tem pium, mutuca e maruim. Bichos sanguinários que nascem nas águas diáfanas do rio e depois voam, procurando picar alguém. Terror dos pescadores de mandi e dos cabocos que remam suas velhas canoas, cruzando o rio para visitar os parentes do outro lado.

Como é belo esse rio ligeiro, tenebroso. Quando o Maú está cheio, a água, que desce as serras pelo Inamará, fica represada e vai rapidamente se espalhando na planície, que também é a baixa. É um espetáculo da natureza.

Uma exuberância de vida completa seu ciclo todo ano nesse território. Com a cheia, por onde antes se caminhava, agora está com até três metros de profundidade. O capim que ardia no sol e queimava no alto verão, agora submerso, adquire um penteado pela força da correnteza. Por onde corriam raposas, saltando em cima dos ninhos das rolinhas, agora desfilam vastos cardumes de matrinxãs.

A baixa, no verão, adquire uma paisagem singular. Tudo muda. A água vai embora e o tom marrom do capim seco volta a brilhar ao sol do meio dia.

Os trevos amarelos e lilases dançam nos galhos finos, embalados pelo vento quente, desequilibrando as abelhas que tentam pousar.

Agora só restam alguns lagos com água pastosa, onde jijus e carás sucumbem às investidas de tuiuiús e garças que pescam ali o dia todo, nem se importam com os curumins que passam pra casa, atordoados pelo calor do meio dia.

Na cheia, a baixa era palco de alegria e desespero. Emboladas, grudadas umas às outras em forma de massa, as formigas se sustentam num galho supostamente seguro. Suas casas nunca mais seriam as mesmas, pois saíram apressadas, levando os ovos consigo. Ficam ali, sujeitas a todo tipo de infortuito. Logo abaixo, há avidez por comida. Nem tudo lhes é

favorável. E quando a água baixar, as formigas que sobreviverem devem fazer uma nova casa.

Outros bichos descuidados são pegos de surpresa. Não atenderam aos sinais das tempestades e acabaram ilhados. Lagartos, bichos peçonhentos e cobras, que jamais se arriscariam a nadar naquelas correntezas, prefeririam ficar na árvore até a água baixar. A sobrevivência sempre esteve à prova e os curumins faziam de um tudo para chegarem na hora certa na escola. Mas isso era quase impossível, pois tão distraídos ficavam observando esses detalhes no caminho.

Dessa forma, com tanta água escorrendo de todos os lados, o melhor mesmo era ir para a escola a pé, com o material escolar protegido em sacos plásticos dentro da canoa. Assim, ficavam livres para ir brincando durante toda a travessia, revesando as longas remadas entre brincadeiras. Mas, antes, caminhavam um bom tempo na água rasiinha, até chegarem no baixio mais fundo, onde a canoa ficava amarrada.

Na pressa da brincadeira, mal sentiam os cortes dos matos nos pés, vindo a dar fé quando ficavam inflamados, incomodando no calçado escolar. Na travessia, passavam perto das moitas que só apareciam da metade para cima, nas mesmas moitas que estavam os bichos ilhados. Ali, tinha uma planta chamada verrugueiro - arbusto de flor branca em forma de estrela - que as meninas apanhavam para unir umas às outras fazendo colares.

Aquelas crianças tinham uma intimidade inocente e perigosa com a cheia da baixa. Nunca se soube notícias de

ataques. Nem mesmo um susto quando atravessavam a baixa, nadando à noite.

Quando voltavam da vila à noitinha, e a canoa deslizava silenciosa na plataforma prateada, o que ainda assustava eram as arraias e os poraquês. O movimento do remo fazia a água balançar e de dentro da canoa se via o céu, refletido, acompanhando a onda.

As estrelas dançavam, se misturando aos vaga lumes, enganando a visão e parecendo unir o céu com a terra. O único barulho que se ouvia, e não era pouco, era o coaxar dos sapos e o cri cri cri dos grilos.

A serra do Urubu, um pequeno morro em forma de ovo de dinossauro perdido no meio da baixa agora era uma ilha. A água tinha subido muito durante a noite, deu a volta no monte e formou uma ilha deserta.

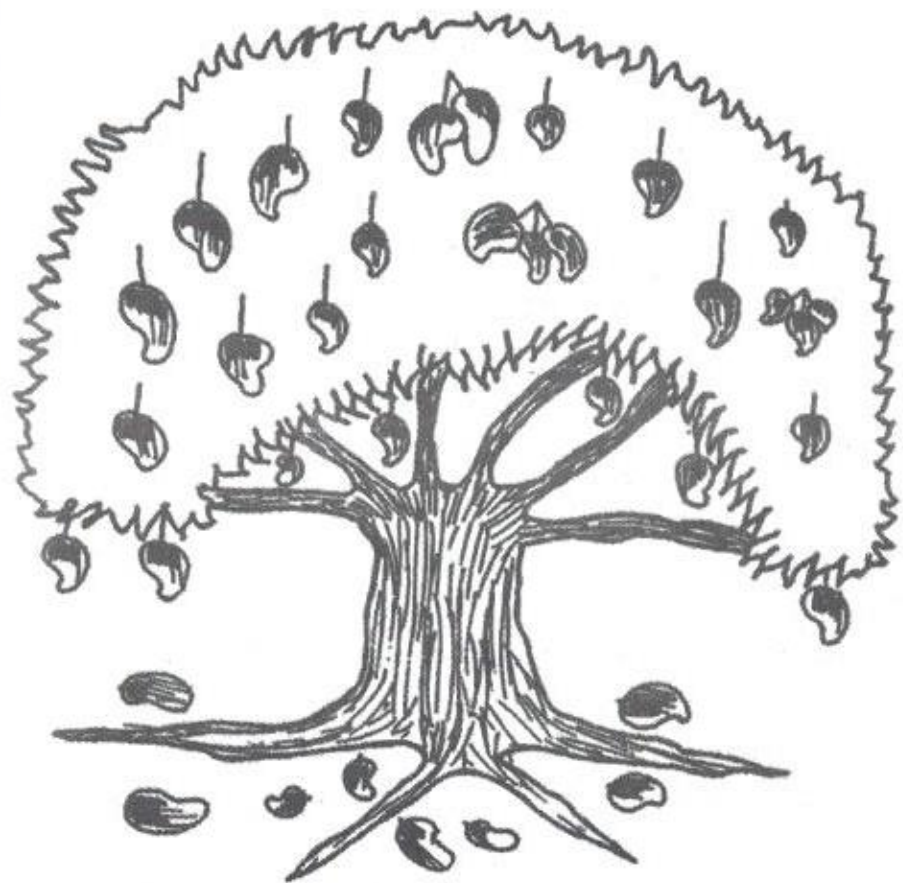
A baixa bem podia parecer uma paisagem nordestina, ou mesmo africana, bem diferente das cheias amazônicas. A cobertura vegetal não era de mata fechada, mas de campo aberto, com planícies de capim rasteiro em campos naturais.

No teso, áreas mais altas, havia um vasto campo trinchado por moitas em expansão. Uma planície elevada entre o escarpado da serra e a baixa, que, agora submersa, escondia os caminhos que não levavam a lugar algum. Na extensão de terra onde estava a casa, o curral, as roças e onde o gado ficava recuado no pasto, a água não chegava.

Havia mais verde no teso que na baixa. Grandes árvores sustentavam sob o dossel uma infinidade de outras espécies,

formando as moitas fechadas. Nestas moitas, ficava o ninho da galega, cantava a juriti, dormia o tamanduá, descansava o gato do mato e muitos outros bichos frequentavam aquelas formações.

De longe, famintos e descalços, pisando na areia molhada os pés enrugados pelo longo tempo de caminhada na água, os curumins voltavam pra casa. A canoa ficou amarrada no tronco do caimbezeiro. Se o igarapé secar, amanhã, ainda terão que arrastá-la até a água.



O DIA SEGUINTE



Um dia, num lugar e tempo muito distantes, viveu um bravo homem que tinha uma paixão especial por uma árvore. Era um pé de manga rosa, único numa comunidade antiga.

A árvore estava muito velha, mas mangas eram grandes e bonitas. Dava uma sombra densa. Tinha os galhos frondosos e o tronco grosso com cascas rugosas.

No todo, o conjunto da paisagem remetia a uma sociedade tribal estabelecida há muito tempo naquele lugar. As casas antigas com paredes desgastadas e as palhas da cobertura, pelo tempo, davam vazão aos raios de sol impiedosos.

Havia um vento morno que varria a fina poeira do

terreno duro. Tão duro que já não registrava os rastros e tudo parecia ir embora numa cena bucólica.

Entre o pé da mangueira e as casas, havia um rio de águas transparentes onde os peixes coloridos pontilhavam igualmente expostos à luz e toda sorte de suas curtas existências.

Os peixes pareciam sagrados pelo tamanho e brilho de suas extremidades. Deviam ter vindo do mar e ficaram ali, à vista, exibindo beleza na beirinha do rio sem ninguém para perturbá-los naquela hora de sol do meio dia.

O homem nutria um amor doentio pela árvore. Ninguém podia subir ou pegar manga sem que ele permitisse. Quando raramente permitia, fazia segundo as suas vontades e critérios. Não era simplesmente querer, tinha que pegar o homem com boa disposição.

Não adiantava criança chorar e espedaçar para conseguir o que queria como essas crianças de hoje. Não, não adiantava. Manga só se o “dono” da mangueira estivesse bem humorado.

Nem com seus próprios filhos ele agia diferente. Nem para os mais velhos. Nem mesmo para os doentes. Podiam até morrer, mas manga só dependia dele.

Era um sujeito ranzinza, ensimesmado, e pouco habituado a conversas pontilhadas de risos, como é comum em convívios íntimos. Toda a aldeia tomou como certo o jeito inumano do homem e cansou de tentar mudar alguma coisa por ali. Porém, as crianças, há muito tempo já bolavam um plano.

Uma vez, na época de seca, o sol estava muito quente e tinha muita poeira. O rio reluzia de tantos peixinhos coloridos

na pouca água. Havia escassez, só os cajuciros e a mangueira protegida tinham frutas.

Neste dia, um dia qualquer, todos os viventes estavam deitados, inertes pelo calor. Uns lentamente embriagados por terem rompido a madrugada na festa do caju, indo buscar suas redes quando o arrebol já desenhava a aurora e os primeiros cantos dos pássaros soavam timidamente na capocira.

Na festa, alta madrugada de lua clara, o vigilante, dono protetor da mangueira, se sentiu muito só e resolveu desamargarur tomando vários rantos de mocororó, que estava muito forte por causa do forte calor.

Mocororó é bebida de gente grande.

Bebeu mais que todo mundo, brincou com os irmãos, mas não descuidava da vigilância. De hora em hora, olhava para o pé de manga. Cansou da festa e quis dormir embaixo da mangueira. Como estava muito exausto e cambaleante, foi posto na rede ali mesmo no barracão, pois avaliaram a manobra de cruzar a ponte perigosa demais.

No dia seguinte, logo bem cedo, quando todos os adultos ainda dormiam e só as crianças brincavam correndo por ali, chegou na maloca um velho viajante. Por longe, sem ser notado, se escondeu primeiro nas moitinhas de araçás, cansado, faminto e sem armas.

Ultrapassado, roto e sonolento, apoiou o corpo franzino sobre as pernas dobradas e, de cócoras, ficou algum tempo tentando entender o que se passava diante de sua vista turva.

Viu o rio translúcido com areia branquinha. No fundo,

cheio de peixes coloridos, incomuns. Viu muitas crianças, cruzando o terreiro, sozinhas. Nenhum adulto por perto, nem mesmo por longe. Viu a mangueira gigante e carregada e sentiu mais fome ainda. Tudo parecia tremer pelo efeito do calor e o velho andarilho achou estranho tudo aquilo.

Achou que tinha morrido de tanto andar com fome. Pensou que tinha chegado num tipo diferente de paraíso, onde só havia crianças, peixes coloridos e uma mangueira frondosa. Reuniu as últimas forças, saiu da tocaia e entrou no terreiro da maloca. Quando as crianças perceberam a presença do velho, não correram, não choraram e não chamaram seus pais. Foram todas ao seu encontro, formando um círculo de olhinhos curiosos.

O velho continuou a imaginar que aquele lugar não era mais na terra. Porém sabia que tinha vida porque grande era a sua fome. Morto não sente fome, pensou, olhando para um menino de olhos bem vivos.

- Tenho muita fome, sou velho, vivo só e não tenho armas. Venho de longe, muito longe e passando por ali, ouvi alguma coisa e vim conferir.

O curumim respondeu que não tinham mais comida. Tudo tinha acabado na hora da festa. Também não tinham frutas por causa da grande seca e os cajúos tinham sido usados para fazer o mocororó.

- O senhor toma mocororó?

O velho franziu o cenho e um nó dolorido se formou na sua garganta. Recusou a bebida que cheirava forte de longe.

Os meninos se entrefalaram num breve murmurar impossível de o velho escutar e um deles falou:

- Senhor, nossos pais ainda estão todos dormindo. Sabemos que está com fome e em viagem. Como pode ver temos uma grande mangueira com frutos, mas não podemos apanhar nenhuma.

- Mas porque não?

Quis saber o velho, pensando que, se tivesse forças, iniciava ele mesmo uma revolução.

- Como não podem pegar uma manga? Isso não se faz, impedir vocês de pegar manga.

Dizia isso cravando o cajado trêmulo no chão.

O curumim, concordando com tudo, olhou tristonho para a rede ali perto e disse:

- O homem que dorme ali não deixa. Passa a vida toda embaixo da mangueira e só dá manga quando quer e para quem bem entende. Nem adianta pedir agora, talvez nem acorde e se acordar, com certeza vai estar zangado e não vai dar manga nenhuma.

O velho vendo em volta as redes amarradas, percebeu, por fim, que nada era o que pensava.

Dessa vez, uma menina muito esperta e viva puxou novamente o diálogo para eles e confabulando alguma idéia propôs:

- Não podemos deixar que o senhor vá embora com fome, está velho e cansado, precisa ficar e comer alguma coisa. Ouça, temos um plano: resolvemos pegar umas mangas e

enquanto o dono dorme, comemos juntos e depois o senhor vai embora e ainda leva umas para comer na viagem. Nós mesmos vamos subir e apanhar algumas, o dono não acorda tão cedo e se acordar já será tarde. Há muito tempo que desejamos subir na mangueira para comer, para brincar, mas não é possível por causa desse homem que expulsa e castiga severamente a gente.

E continuou a menina, seu breve discurso:

- Todas essas crianças, e outras que já cresceram, já sonharam um dia subindo nesta mangueira ou banhando naquele rio clarinho ali. Mas aqui na nossa comunidade isso não é possível e passamos nossas tardes com muito calor embaixo dos cajueiros. O senhor podia nos ajudar, pois vamos subir para pegar umas mangas para saciar a sua fome e a nossa também.

Quase antes de a menina terminar o velho respondeu seco:

- Não. Isto não seria certo, podem esquecer.

O velho temia vendo as redes se mexendo nos barracões.

As crianças excitadas com a idéia voltaram a ficar tristes e divididas. Mas insistiram que o velho estava com fome e precisava se alimentar.

O velho retrucou:

- Não é tão simples assim. Por favor, entendam. Se existe uma regra para não subirem na mangueira e não entrarem no rio, é porque deve ser perigoso ou algo do tipo e vocês podem por tudo a perder por minha causa. Eu sou apenas um velho andarilho e esta fome que sinto hoje é fome de toda uma vida. E quer saber, eu já vou indo embora, não quero causar problemas.

O velho ensaiou uma fuga rápida. Mas foi detido pelos seus limites e saiu devagar arquejante.

As crianças, já domadas pela idéia de fazer alguma mudança nas regras da mangueira e do rio, interceptaram o velho já cruzando a ponte, indo no sentido da mangueira.

- Senhor, por que não nos ajuda? Veja nossa tristeza, nossa fome.

O velho disse:

- Não contem comigo, nunca fui bonzinho com crianças. Por que acham que estou velho e só deste jeito? Só queria um pouco de comida e como vocês não têm é melhor eu ir embora.

O velho tentou ser ríspido e seco, mas só conseguiu causar comoção geral, pois todas as crianças caminhavam chorando atrás dele, que continuou o caminho, passando perto da mangueira.

- Voltem para suas casas. Não podem ir comigo. Logo vão perceber o sumiço de vocês e virão atrás de nós.

Mas nada de as crianças pararem de chorar e quererem voltar. O velho, sabendo da tamanha confusão que arrumara, teve de voltar e esperar sentado enquanto as mangas caíam umas maiores que as outras.

Tendo desistido de lutar, pegou a mais condizente com sua fome. Uma manga rosada, cheirosa e grande. Bateu a manga na raiz até ficar bem molinha e, fazendo um furinho na ponta, chupou demoradamente o suco docinho. Entretido o velho estava sentado na grossa raiz. As crianças em cima da árvore igual a bandos de papagaios na maior algazarra.

Aos poucos, os adultos foram acordando e deram por falta das crianças. Tão logo percebeu, alguém foi avisar o dono que a mangueira tinha sido tomada de assalto.

O alarde foi tamanho que já parecia até uma guerra. Gente correndo para todo lado. Uns esbarrando nos outros. Todos, com armas em punho, correram para a ponte e cercaram, por longe, a mangueira. Essa agitação toda assustou os peixes coloridos.

Um curumim, que estava no galho mais alto da mangueira, viu a correria e percebeu que algo estava errado e, assustado avisou aos demais:

- Todos tão vindo com armas de guerra. Que vamos fazer?

- Nada, respondeu um mais astucioso. O senhor fica aí embaixo, não fala nada. Nós vamos dizer que o senhor é viajante, estava faminto e precisava comer.

O velho, sabendo que tinha estragado tudo com a sua decisão, esperou calado para ver no que ia dar. Pelo menos de fome não morreria mais.

Um dos vigilantes, dando sinal para esperar, tomou consigo mais dois homens, dos mais armados, e seguiu para o tronco da mangueira.

O velho permanecia parado ao lado dos caroços das mangas chupadas. No chão, por toda a sombra da copa, havia mangas de todos os tamanhos espalhadas.

O dono da mangueira, tomado de ódio e mais ainda de medo do velho bizarro, mal pode dizer uma das tantas frases que

ensauiu: quem é você, o que fez com minha mangueira e com nossas crianças?

Com a ponta da lança embaixo do queixo do velho, olhava levemente para cima. Nesta hora, todos pularam dos galhos no chão. Igualmente ao velho, todos estavam lambuzados de suco de manga.

Quando pularam, todos juntos, uma nuvem de poeira se formou e todos ficaram pretinhos de poeira, ficando só os olhos à mostra.

Todos que cercavam a mangueira recuaram aterrorizados e não puderam atirar nenhuma flecha. Domados pelo mocosoró e pelo medo daqueles seres negros de olhos brancos, entenderam tudo como uma magia, um feitiço ou algo sobrenatural.

Ao contrário do propósito, partiram para guardar suas armas e, naquele dia todo mundo comeu manga. Todo mundo mesmo.

Aconteceu então uma grande festa embaixo da mangueira, tanto bicho como gente.

Tinha de tudo, vaca, cavalo, porco, porco do mato, cutia, paca, tatu, anta, capivara, onça, jabuti, tartaruga, formiga, saúva, tamanduá, pássaros, lagartos e macacos. Estavam todos os bichos. Passaram horas comendo manga e rodando embaixo da mangueira. Ficaram muito sujos, e resolveram tomar banho no rio.

Naquela onda de felicidade, todos contentes, maravilhados com o sabor da fruta proibida, pretinhos de

poeira montados nas costas uns dos outros, entraram no rio de águas transparentes, espantando os peixes coloridos mais pra cima. Ali, perto da maloca, o rio ficou tão cheio de sujeira que nunca mais foi transparente.

Depois que passou o susto dos homens e a farrá dos bichos, nasceu muita mangueira em todo canto e nunca mais se teve fome naquela maloca. O rio gostou da cor escura da água e ficou mais misterioso.

O velho terminou seus dias como visitante de honra e usufruiu bem dessa condição. As crianças cresceram mais alegres, guardando aquele segredo.



CASA DE FARINHA



Diz uma lenda indígena antiga que a mandioca nasceu de um sacrifício de amor. A raiz que é a base da alimentação dos índios, dizem os próprios índios, nasceu no mesmo lugar onde foi enterrada uma criança especial, neta querida de um grande líder.

A criança nasceu de uma jovem indiazinha. Sua primeira filha, que foi concebida em sonho, pois a moça não era casada. O pai ficou zangado com a filha. Não acreditou na sua estória. Mas, de fato, nem mesmo ela sabia explicar como pode engravidar sem conhecer homem algum.

Passaram os meses da gravidez, a criança nasceu e a menina, que antes fora rejeitada, logo foi adotada por todos da

aldeia. Colocaram-lhe o nome Mandi, porque, como dizem, era delicada e branquinha como uma porcelana. Rapidamente todos se apegaram à criança, que divertia a todos com sua alegria. O tuxaua, refeito da mágoa, perdoou a filha e também foi tomado de amores por Mandi, sua netinha.

Passados dois anos, a linda menina morreu inesperadamente. Foi tamanha a tristeza na comunidade. Como de costume, enterraram o corpo da criança dentro da oca e a mãe, juntamente com os outros, choraram por muitos dias sobre a cova.

Eis que um dia, amanheceu um brotinho no lugar onde foi enterrada Mandi, que foi crescendo, crescendo e rachando a terra em volta. Um dia, resolveram cavar e encontraram as raízes que logo chamaram de mandioca, porque Mandi era o nome da criança que foi enterrada na oca.

Foi assim que nasceu a mandioca, e os índios aprenderam a preparar muitos alimentos com ela, inclusive bebidas também.

Depois disso a mandioca ficou muito conhecida e ainda hoje as roças são plantadas pertos dos barracões. Esses barracões são chamados de casa de farinha. Em tempos de farinhada, geralmente no verão, muita gente se reúne para trabalhar.

Antigamente, nas aldeias, só as mulheres cuidavam da mandioca. Plantavam, colhiam e preparavam os alimentos sozinhas, enquanto os homens pescavam e caçavam. Hoje, a farinhada se divide em várias tarefas, envolve muita gente, homens, mulheres, até crianças, e todos devem estar bem

dispostos.

Na casa de farinha onde todo o processo acontece, todo mundo convive, alegre durante quatro dias, tempo mínimo para uma boa farinhada.

O primeiro dia da farinhada sempre era a sexta-feira. Tinha que ser no verão, quando as raízes estavam enxutas e o rendimento era maior. A mandioca colhida no primeiro dia, devia passar o sábado e o domingo de molho, na água pra amolecer bem e estar pronta na segunda-feira.

Então, pela manhã, depois do segura peito, os pais iam à roça e as crianças menores à escola. Na roça, os pais arrancavam as mandiocas mais maduras, mais ou menos dois carrinhos de mão cheios. Faziam isso em menos de uma hora.

As raízes eram raspadas. Logo em seguida, lavadas e deixadas de molho em grandes bacias. Era a mandioca puba, sem ela a farinha não ficava amarelinha. Naquele calor de verão, as mandiocas se desmanchavam e logo começavam a exalar aquele cheirinho bom. A mandioca estava na água e agora era esperar os dois dias. Enquanto isso faziam outros serviços, o que nunca faltava.

Domingo à tarde, desciam todos pra roça. Desta vez, por volta das três da tarde quando o sol já estava mais brando. iam todos juntos e trabalhavam juntos como nos ajuris de antigamente, quando todo mudo ainda se ajudava.

Rapidamente brocavam uma linha de manivas. Maniva é a planta, mandioca é a raiz. Arrancavam um amontoado de raízes e transportavam para o barracão em carrinhos de mão ou

com os sacos nas costas. Faziam várias viagens, visto que a roça ficava um pouco distante da casa de farinha. Tem casa de farinha que fica no pé da roça, bem longe, mas esta era perto de casa, no mesmo terreiro.

A tarefa terminava no finzinho da tarde de domingo, lá pelas seis e meia. Antes, uma varredura nas facas, bancos e lamparinas. Tudo tinha de estar preparado para o trabalho do dia seguinte.

Em um canto de meia parede ficava o monte de mandiocas, ao lado do forno. Ali as mandiocas dormiam amontoadas e cobertas com sacos molhados para amolecerem as cascas. Tinha muito mais mandioca que na sexta feira. Devia ter uns dez carrinhos cheios. O dia terminava, quem estava ajudando se despedia e ia embora pra voltar logo de madrugada para o terceiro dia.

O terceiro dia era uma prova de resistência. Começava às três horas da madrugada, quando todos deviam levantar para descascar as mandiocas. Até os meninos e as meninas sentavam em volta do monte e descascavam até a hora de ir para a escola, pois era segunda feira. Descascavam uma por uma e essa hora combinava com um café e um chá de capim santo fresquinhos.

O silêncio da madrugada era quebrado pela música melodiosa que tocava no rádio à pilha, tentando manter o sono distante.

O galo cantava, os cachorros latiam para a porteira, eram os tios que vinham ajudar em suas bicicletas na completa escuridão daquelas noites sem lua.

Das lamparinas sobre o monte de mandiocas, vinha a luz que o vento castigava. Às vezes ficava bem fraquinha e, nessa penumbra, viam o sol raiar, sempre claro e ardente.

Aos poucos se acostumavam com o amanhecer forçado. Alguém se levantava para preparar o segura peito. Os meninos iam tomar banho pra ir à escola e o pai ia pra o curral tirar o leite. O trabalho no barracão continuava, tinha gente suficiente. Seguia o dia. Na cozinha, o fogo mantinha as borbulhas na panela. A louça do café sobre o jiral, baldes e panos de coar leite ainda carregavam o cheiro do curral.

Depois de raspadas, as mandiocas eram lavadas e moídas no motor. Essa etapa era chamada de "sevar" a mandioca. Antigamente os índios moíam a mandioca no ralo feito de lascas de pedra cravejadas em uma tábua. Hoje a mandioca é moída com motor, pelo caítitu, que são os ralos modernos.

Depois de moída, a massa ocupava grandes caixas de madeira. Escorria tucupi entre as frestas das tábuas para todos os lados. Não se podia descuidar da criação, pois de vez em quando tinha um bicho morrendo envenenado com o tucupi.

Chegava a hora de tirar a goma. Para isso, bastava ter um tipiti, um espremedor primitivo. Não tendo isso, faziam um coador de pano, com um pedaço de morim. O pano ficava amarrado nas duas extremidades, como se fosse uma rede, suspensa na altura das mãos, com uma bacia embaixo para aparar a goma misturada ao tucupi. A massa era espremida com as mãos e isso era muito cansativo.

Não tinha jeito, se não tirassem a goma da massa, a

farinha não prestava. A goma era branquinha e tinha mais valor comercial que a própria farinha.

A essa hora, mais ou menos meio dia, o cheiro do almoço chegava no barracão. As crianças voltavam da escola. Deveriam almoçar, fazer a lição de casa e ficar ali por perto para atender a algum mandado.

A goma saía junto com o tucupi, o sumo da mandioca que é muito venenoso. O tucupi é amarelo da cor de vinho de buriti. Cozido é usado na cozinha em pratos sofisticados, puro, direto da mandioca, é um veneno letal.

As mulheres cuidavam de tirar a goma. Diluíam mais um pouco a massa com água em grandes tachos para facilitar o manuseio. Assim, lá pelas três da tarde estavam com várias bacias cheias de tucupi e goma, que ainda precisava decantar.

Era hora de ir buscar a lenha; a mãe, os tios e os curumins. O pai ia para o campo tocar o gado para o curral. Quando voltavam com a lenha, nada de descanso. Era hora de misturar a massa da mandioca mole, aquela de sexta feira, com a massa moída no dia. Dividiam em partes iguais entre as caixas e misturavam com a força dos braços até que tudo estivesse homogêneo. Era uma tarefa cansativa e o cheiro forte do tucupi deixava o trabalhador um pouco inebriado. Depois de misturada, a massa era deixada para descansar antes de ir para a prensa.

O sol se pôs bonito, mas passou despercebido porque todos estavam muito ocupados.

A mistura das massas não era a última tarefa do dia.

Tinham ainda que lavar a goma e cuidar da prensa, de hora em hora. Trabalhavam até mais tarde, noite adentro, mesmo na escuridão.

Quando a goma decantava já eram umas sete horas da noite. A mãe derramava o tucupi e a goma ficava no fundo da bacia.

Ainda teriam que lavar a goma, diluindo o amido em água limpa para coá-lo novamente nas bacias. Para isso, tiravam muita água do poço. Nesta hora o pai cuidava da prensa, colocando as camadas de massa e aplicando a pressão gradualmente. A prensa expulsava a água da massa, que escorria em vários fios ainda branca de tanta goma. Por fim, já pelas dez horas, terminavam as tarefas do dia. Deixavam a casa de farinha e iam para suas redes, exaustos.

No quarto dia, era o dia de torrar a farinha e fazer a tapioca. Naquele dia não acordavam tão cedo, às cinco e meia da manhã como de costume.

O pai ia para o curral como sempre e a mãe ia olhar se a goma já estava limpinha no sol que já vinha nascendo. O forno já estava chiando e a mãe fazia um beiju grande para o segura peito.

Alguém já estava peneirando a massa que tinha passado a noite na prensa. O forno estava pronto, untado com sebo para a massa não grudar. Uma nuvem de fumaça subia da gordura que dançava na chapa quente. Cheiro gostoso de gordura na brasa.

A massa era lançada no forno na medida de uma cuia

cortada ao meio. A massa fria ainda com cheiro de cutupi começava a escaldar e torrar. Isso tudo, levava quase o dia todo. Era um trabalho sem descanso e, por sorte, podiam revezar o enfadonho exercício de ficar o dia todo em pé, no pé do forno mexendo a massa. Não podiam descuidar se não a farinha queimava. Tinham que saber a dose certa de lenha para que o forno não ficasse muito quente nem muito frio.

Fazia muito calor quando o sol media uma da tarde. Da carne seca assada na brasa do forno não sobrava um pedaço. Depois amenizavam a sede chupando muitas laranjas. Era só pegar no pé e descascar quantas quisesse.

Cada torrada de farinha era feita em duas etapas. Primeiro, escaldavam uma fornada de massa. Quando a massa estava escaldada, tiravam do forno, colocavam na caixa e começavam a escaldar outra porção. Quando esta porção estava no mesmo ponto da outra, misturavam tudo no forno pra daí começar de fato a torração.

Quando a farinha começava a ficar no ponto, já dava para sentir o cheirinho. Nessa hora, os torradores mais experientes começavam a espanar a farinha no vento. Era bonito ver a destreza como eles manuseavam os remos, levantado uma porção de farinha no ar pro vento varrer pra fora o puá, que era os resíduos e fibras da mandioca.

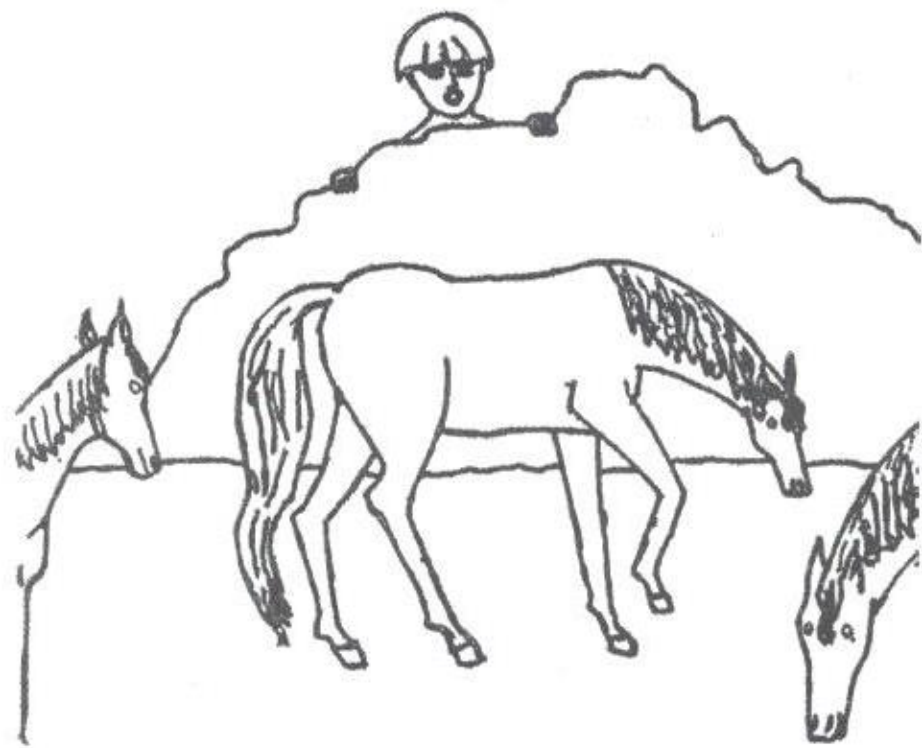
A primeira torrada de farinha já estava pronta, novinha, na caixa, esfriando. A carne do almoço estava assando e ainda não estavam nem na metade do trabalho.

Era assim nas grandes farinhadas. Um trabalho cansativo,

mas com várias etapas diferentes.

A casa de farinha era um lugar de convivência e de trabalho também. Ali as crianças aprenderam a conhecer o valor do trabalho, da cooperação e, principalmente, a ter disciplina e determinação. Era como uma escola da vida, onde se aprendia fazendo e onde se via de fato o fruto da terra virar alimento.

Foi nas raspagens da mandioca às madrugadas que as crianças sonolentas escutaram as histórias dos seus antepassados e de como venceram no tempo das incertezas. Assim construíram seus sonhos por anos e anos na casa de farinha.



CAVALOS SELVAGENS



O lavrado brilhava como ainda brilha hoje. Era cedinho e o curumim descia olhando para o chão sem muita expectativa. Sem pressa ia para o igarapé pegar um pouco de água.

A maloca acordava aos poucos. O sol já vinha saindo. O curumim desceu no poço d'água e na areia molhada viu uns rastros desconhecidos. Rastros grandes. Não era de onça nem de anta. Um rastro até então desconhecido por ali.

Levantou, vigilante subiu mais um pouco no teso e viu os animais pastando. Viu logo que não pareciam ferozes, mas belos e formosos. Admirado, saiu do tempo e paralisou encantado com a elegância dos animais. Voltando a si, correu extasiado

para casa.

Os cavalos estavam de passagem. Um lote pequeno, recém formado por um jovem garanhão. Ainda não tinham filhotes e estavam em busca de um território longe dos lotes maiores.

Um novo lote se forma num ritual glorioso. O rufião é expulso e vaga livremente enquanto cresce e toma força. Quando chega a hora ele investe no primeiro lote que encontra.

O pastor, garanhão absoluto, defende o harém numa luta de honra, coiceando o ar com violência e desespero.

No duelo com o invasor, luta durante horas em um belo espetáculo que só vendo. O desafiante sempre rouba algumas éguas e assim o novo lote se forma.

Disposto, o novo lote deixou a beira do Uraricoera. Fugiram da fazenda e partiram livremente naquela vastidão de campo sem obstáculo. Vieram do outro lado do mundo e estavam muito longe de seus ancestrais.

Mas ali o sol era o mesmo e parecia que aqueles campos, eles já conheciam bem. Atravessaram os rios menores que estavam secos e andaram dia e noite. Escolhendo as pastagens mais verdes, seguiram para o Norte, pras serras limpas e altas onde o pasto parecia melhor. Foram cada vez mais longe, galopando entre as serras sempre em frente. Relinchando livremente quando se formavam as tempestades nas tardes de sol e o vento provocava a rebeldia. Corriam murchando as orelhas, o pescoço baixo longilíneo. Dessa forma pulavam golpeando coices no ar. Assim, o cavalo entrou pela primeira vez

no labirinto de serras do terreiro de Macunaima. Há algum tempo.

Na maloca, o curumim contou à mãe dos bichos que tinha visto. Bichos desconhecidos.

Todos ficaram impressionados e correram para o lugar, mas não viram mais nada. Apenas alguns rastros na poeira.

Essa maloca era isolada. Os que ali moravam, eram os povos das serras. E eles não desciam para o lavrado. Não até o Uraricoera onde estavam se formando as primeiras fazendas.

Os cavalos foram embora sem deixar vestígios, e agora, todo o lavrado parecia igual, com a mesma paisagem confortante, mas os rastros estavam no chão.

Os índios percorreram mais um pouco a região e nada de vestígios. Voltaram para a maloca e logo se formou uma reunião. Propuseram ao curumim desenhar o animal, lhe entregaram o carvão, mas ele não quis, mandou tirar cascas para fazer tinta. Pediu também um couro de veado bem raspado. A tribo se empenhou e em três dias a tinta estava pronta.

O curumim nada mais fez que sonhar nestes três dias. No sonho, todas as manhãs, descia da rede, silencioso e ia sentar no mesmo lugar de onde viu os animais. Ficava horas até o sol lhe turvar a vista, então depois de um banho, voltava. Almoçava sereno e dormia muito até bem tarde quando descia novamente para ver o por do sol e pegar as primeiras estrelas.

A maloca estava silenciosa, todos tinham ido à mata colher as cascas das árvores.

Foram assim os dias da preparação. No quarto dia

quando o curumim acordou, tudo já estava preparado. A comida e todo o material.

Ele desceu da rede e, juntando tudo, rumou para o teso sem falar nada. Olhou para todos com o olhar de luz e se foi durante todo o dia.

No topo do teso, o curumim subiu no pé de caimbé mais alto, levou tudo com ele. Se instalou em um galho bom, arrumou tudo e, deixando aquilo um pouco de lado, voltou-se para uma abertura na copa da árvore de onde podia ver o lavrado até bem longe.

O curumim passou a assobiar. Assobiou bastante e depois escutou o silêncio. Mas ele não ouviu o relinchar dos cavalos porque eles estavam longe.

Começou a pintar no couro o lote de cavalos que tinha visto. Passou o dia todo entre pausas e retomadas.

No seu modo de pintar, imaginava os animais parados e assim ele podia tocá-los. Foi assim que tirou da lembrança a perfeita representação dos animais. Pensou sentir suas mãos nas costas do cavalo, tocar a crina e o topete.

Com as tintas nas cores certas, desenhou as formas com perfeição. A família de cavalos estava pintada no couro e era a mesma paisagem que ele tinha visto outro dia. A mesma luz da manhã, a cor do céu e os quatro cavalos pastando sossegados.

Desceu do caimbezeiro quando já era noite e de longe viu a luz de uma grande fogueira na maloca. A festa já havia começado. Muita carne moqueando e todo mundo muito alegre e agitado. Foi recebido pelo pajé, que pegou o embrulho e

esticou um pouco no fogo para secar. Depois abriu e todos sentaram para ver a pintura.

Houve muito rumor entre os parentes. Discutiram por várias horas. Olharam a pintura bem de perto, mas os cavalos no desenho não tinham explicação. As mãos não acharam forma para explicar que animais eram aqueles, e os dedos no ar apontavam para várias direções. Ninguém conseguiu desvendar como aqueles bichos apareceram e sumiram da mesma forma.

Depois desse episódio a comunidade ainda procurou os cavalos por algum tempo, mas nunca encontraram. O caso já estava parecendo lenda.

Não demorou muito tempo, ele conheceu as fazendas que avançavam lavrado afora. Então soube de onde tinham vindo aqueles animais e para que serviam. Lá foi trabalhar de vaqueiro. Aprendeu a domar os cavalos como se conversasse com eles, e logo, pareciam velhos amigos, galopando no campo.

Mas havia um segredo nesta história.

Naquela manhã em que viu os cavalos pela primeira vez, achou que era um sinal, e prometeu nunca contar para onde eles tinham ido. Para que nunca fossem encontrados.

A promessa foi mantida e ainda hoje aquele lote vive livremente por lá. São os cavalos selvagens. Indomáveis como a força da natureza. Vivem soltos no alto das serras mais distantes no pé do monte Roraima.

Ariscos, raramente aparecem perto das malocas mais isoladas. Somem do mesmo jeito que o curumim viu naquele dia.



O AMANHECER NA ALDEIA



Há um duelo nos céus. Trovões trocam impropérios, rasgam o silêncio e anulam a escuridão da noite. Não sei o que é mais tenebroso, o lampejo do raio caindo ou o estouro do ar ferido.

É tempo de chuva desse lado do Equador. Na noite em luto, todos os bichos se calam. Nada se move. Nem o ar, nem as folhas, nada. Apenas a chuva que cai, intensa e forte em grandes pingos. As folhas, de negras, ficam prateadas na contraluz dos sucessivos flashes.

Pela manhã, um frio cinza faz o sol descansar. Os pingos caem dos galhos um após o outro como numa coreografia. Ao estourar, produzem um leve som de nota musical e, com o

choque, formam círculos no espelho da água da chuva.

O céu está escuro e tudo o que se vê no horizonte, que não é tão vasto, se perde logo ali entre as grandes árvores. Como uma frágil névoa branca, ou um fino fio de seda, a umidade encobre todo o chão. Deixa apenas pistas de algumas plantas baixas e inúmeros riosinhos formados pela água que escoia apressada rumo ao leito maior.

Foi essa a primeira visão do garoto naquela manhã, que há tempos esperava a estação da chuva. A simples chuva que outrora levava em suas águas passageiras a alegria da garotada da aldeia. Das brincadeiras com barquinhos de cachos de inajá, com seus tripulantes de pedaços de caranã e cabeças de coquinhos verdes. Ao lado da casa do vovô Kaiah, o índio mais idoso da aldeia, passava um pequeno igarapé, que, nos tempos de chuva, suas águas transbordavam.

Era ali que acontecia a corrida de canoas de cacho de inajá com seus tripulantes de... O garoto com o corpo levemente adormecido, inerte na rede, observava, com os olhos ainda úmidos do sono, parecendo não acreditar no que via.

Chuva, finalmente! De um salto só, o garoto desperta, corre ao encontro da mãe e das irmãs mais velhas que faziam fogo com lenha molhada. A teimosia do fogo em não acender causava uma explosão de fumaça branca, que, traspassando o teto de palha, moldava grandes cogumelos no ar saturado.

Sobre a mesa - um jiral de varas cortadas e amarradas umas às outras com cipó, formando uma espécie de grade - tinham algumas bananas amarelas. Tinha beiju, peixe assado que

sobrara do jantar de ontem, mandiocas cozidas em fatias e um papagaio, que se fartava ao lado, entre uma palavra ou outra, mas curiosamente não ousava pegar a comida que não era sua.

Naquele dia na aldeia ia ter festa, com certeza. Uma dança de boas vindas ao tempo das chuvas. Os grandes espíritos mereciam a oferenda da dança sagrada. Nela poderia se ostentar da melhor tinta para o corpo, usar o melhor figurino - como diríamos em nosso caso.

Ainda era cedo, o próprio dia chegava com preguiça. Da mata, vinha um concerto de mil sons, dos mais diversos pássaros, que naquela manhã estavam mais entusiasmados ainda.

A aldeia parecia estar deserta. Pra onde poderiam ter ido todos?

Logo ali, mergulhados até o pescoço, se desenhava entre a névoa a silhueta de um exército em concentração. Em absoluto silêncio, mergulhados na água morna, cumpriam o primeiro ato do ritual. A purificação do corpo.

Assim que o sol aparecer, todos deverão estar puros. Dias antes, partiram em caça, homens jovens e caçadores experientes, ávidos por encontrar o animal do sacrifício. Coragem e medo ditam as regras.

As mulheres foram à roça colher frutos e raízes para a grande festa. É esta a mais nobre missão de uma mulher completa, depois de contribuir com mais um membro ao exército de guerreiros, tendo um filho homem.

Nessas idas todos vão. Os garotos vão à frente com seus

pequenos arcos e flechas, dividindo com os cachorros esguios e cautelosos o dever de proteger o resto do grupo, o clã de coletoras.

As crianças, às costas, sustentadas por tipóias, cochilam no embalo do vai e vem da caminhada. As mulheres cientes de sua missão não param nem mesmo pra amamentar; o fazem em trânsito e as crianças no embalo sugam as tetas e voltam a dormir.

Estão há três dias separados, homens de mulheres e crianças. Na aldeia, ficaram apenas as famílias do tuxaua, de alguns guerreiros, que revezam o turno da sentinela, e uma velha que cuida de manter o fogo aceso.

A aparente fragilidade da aldeia se desmente quando recebe um reforço na vigilância. A floresta é o campo de batalha. O seu maior inimigo poder ser alimentado por si mesmo, o medo.

Recolhido em seu canto, o velho xamã consulta seus pares em busca de uma informação privilegiada, algo que pudesse surpreender o inimigo. Bastando um simples assobio, um código de comunicação desenvolvido, e as flechas nocauteiam o oponente. Não havia de ser tão fácil surpreender-lhes. Uma tribo milenar não poderia estar entregue à própria sorte.

As tarefas do velho xamã não acabavam com a oração de consulta. Pelo contrário, exigia-se muito mais do ancião arquejante. Já cansado, corroído pelo desprezo do tempo, as pernas cambotas lhe conferiam uma dor insuportável, que nem

ele mesmo acreditava existir naquele mundo cura para tamanho sofrimento.

Sem família, vivia esquecido na sua cabana, beliscando os pés apinhados de pulgas. Sobre a barriga, escorria um grosso filete de baba escurecida pela seiva do fumo que o velho burilava de um canto a outro da boca desdentada.

Não reclamava em verbo, mas seus pensamentos já o denunciavam que não estava mais suportando tamanha empreitada. A vida toda dedicada ao ofício. Foi escolhido ainda garoto. Recebeu o sinal e soube que viveria pr'aquilo.

Desde então, soube que não poderia ser igual aos demais. Não atiraria flechas. Não possuiria uma mulher. Não teria filhos. Não plantaria roças. Viveria de abstrair a energia indesejada que rondava a aldeia. Estaria mormente noutra mundo. Seus diálogos extraterrenos não duravam mais que o transe proporcionado pela mistura.

Depois de cada ação, se sentia esquelético. A cabeça oca, não tinha lembranças. Apalpava o corpo e sentia que o estava perdendo. Já não tinha as mesmas visitas de outrora. Sua aparência, antes jovial, já não era mais convidativa, de forma que foi ficando ainda mais no fundo do balaio do esquecimento.

As oferendas diminuía.

A cada erro de interpretação caía ainda mais na descrença. Ainda não o exilaram do posto por medo das consequências. A cada novo dia esperava que o sinal fosse dado a um proponente daqueles. Podia ser um daqueles roliços, que passam o dia brincando e fazendo traquinagens com os velhos e

os bichos de estimação.

A caçada e a colheita, segundo ato da cerimônia, tiveram desfecho positivo. Sobre o jiral de varas montado sobre o fogo estavam depositados animais esquartejados. Suas peles extraídas e raspadas estavam agora dependuradas nas cercas de vara.

Já não eram peles, eram matérias primas para utensílios. Suas tripas foram arrancadas. Seus corpos agora nus denunciam o segredo de suas forças. Seus músculos visíveis já não metem medo. Agora pinga uma mistura de gordura e sangue sobre a brasa fumegante.

No meio do mato ficou o amassado nas folhas. As formigas carniceiras desfizeram o tecido do intestino e devolveram ao solo a substância antes sorvida. Uma grande quantidade de sangue sobrou do que beberam. Pacas, caititus e antas estavam ali moqueando.

As mulheres contribuíram com cestos recheados de frutas e raízes. Banana, abacaxi, cará e batata. A mandioca, muito elementar, dava numa capoeira ali mesmo ao redor do grande barracão.

De todo, a natureza implacável não deixou passar incólumes os que se atreveram adentrar suas sombras. Embolado no fundo da rede, agonizava um jovem guerreiro que amanheceu moribundo, se encostando nas paredes, caindo na primeira rede que viu na frente. Ninguém chegava perto, ou prestava qualquer ajuda, escandalizados por agora ter no seio da aldeia a maldição da floresta.

Ademais, o encanto não passava de uma febre violenta. O espírito maligno se usou de um mosquito para perseguir a alma do homem na forma de uma forte malária.

Novamente é o xamã quem vai ao encontro do enfermo. O caminhar vacilante não sustenta ao mesmo tempo o esqueleto do curandeiro e a cura que escapa do fundo da cuia pelos tropeços do caminhante. Pudera ele mesmo beber daquela emulsão e despachar de vez as dores e mazelas desta existência. Mas não podia.

Fraquejar no último instante de nada lhe adiantaria ter vivido. Jamais entregaria seu tesouro póstumo por um conforto mundano.

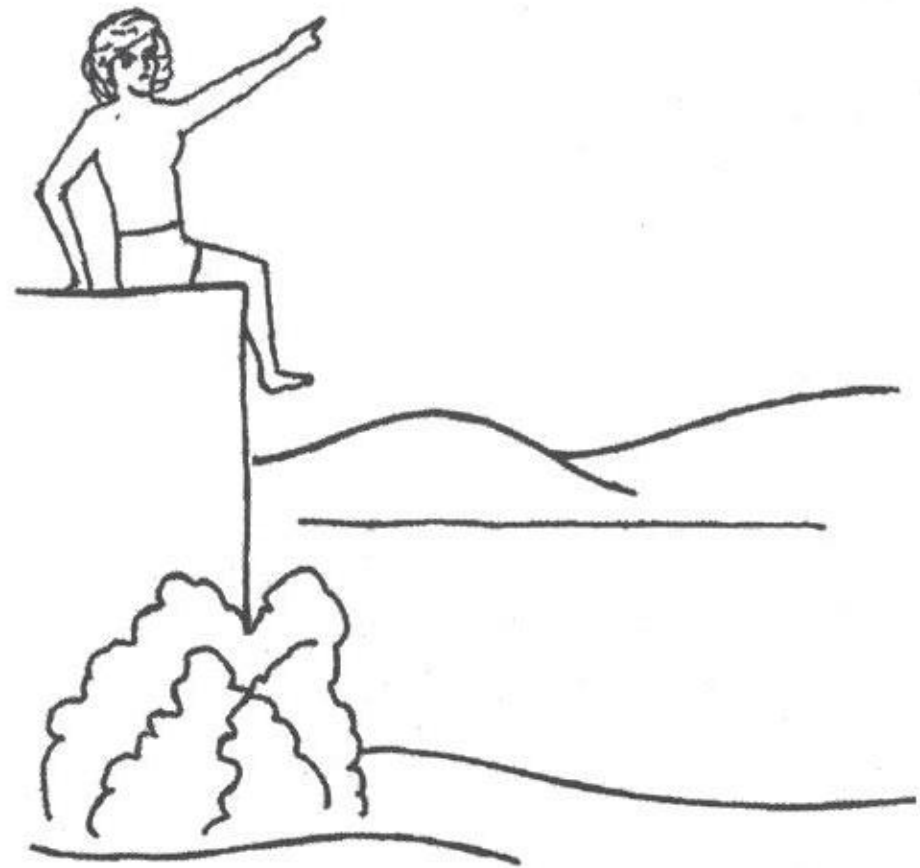
O moquém demorou o dia todo. Ao entardecer ainda pingavam as últimas gotas da carne. Remediado, o homem agora prepara um banquete e recebe na sua cabana o velho mago para uma refeição de agradecimento.

O dia passou rápido, o sol mal apareceu. A noite chegava mais cedo e trazia um frio cortante. Amontoados em volta da fogueira, que do alto dava para ver, na clareira aberta na mata, estavam todos reunidos ali. Uns, acocorados, dividiam um músculo defumado. Outros compartilhavam um cigarro e faziam muita fumaça como numa disputa de poder.

As moças olhavam atentas para a lenha que ardia no fogo, pareciam buscar explicação para o ardor que invadira seu corpo com a chegada da adolescência.

Pouco a pouco, todos foram vencidos pelo cansaço. Entraram em suas cabanas, deitaram seus corpos morenos nas

redes macias de algodão. O garoto sente o velho lhe tocar o ombro com mãos ásperas, subitamente arregala os olhos assustado e descobre que tudo não passou de um sonho e volta a dormir.



O CANAIMÉ CURUMIM



O tuxaua já via os dias ficando cada vez mais sedutores para os curumins, pois já estavam explorando as matas mais afastadas. O olhar deles se perdia entre as moitas. No capim trêmulo pelo calor, as sombras das árvores altas ao longe eram sedutoras e nelas eles ouviam um canto bonito e o desejo era ir.

E eles iam. Quando a mãe precisava de algum, podia gritar que eles não ouviam de tão longe que estavam indo.

Curumins cor de capim num caminhar derretido, deslizando sempre. os cabelos no vento, os pés formigando na areia quente.

O velho começou a ficar preocupado. Aquelas andanças

gostosas e demoradas eram saudáveis, mas poderiam ser perigosas.

Agora não tinha mais jeito, tinha que contar a história do Canaimé, já estava passando da hora. Os curumins precisavam saber a verdade. Contudo, sabia da grande comoção dos pequenos quando ficassem sabendo que o mundo encantado da floresta não era apenas um grande e belo jardim, mas poderia ser perigoso demais.

Só de pensar no Canaimé, o velho se arrepiava todo. Mas tinha que ser forte e corajoso.

Era fim de inverno, as moitas ainda estavam fechadas de verde, que em baixo delas, era o mesmo que estar num abrigo ou numa caverna úmida.

Era ali que os curumins armavam as arapucas para pegar juruti. Passavam horas escondidos ali, vigiando as armadilhas. Forravam o chão frio com folhas de jenipapo e, deitados, esqueciam do tempo se achando hábeis caçadores, capazes de vencer qualquer perigo.

Investidos da idéia de pegar juruti, bolavam o plano com o pouco que sabiam dos hábitos da pobre ave.

Juruti gosta de capoeira, de roça de maniva, de moitas e semente de laranja.

Os curumins saíam em um pequeno grupo, formado pelos mais chegados, e sempre acabava indo na conversa de um que era o mais afoito.

O que se achava mais corajoso envolvia os demais com estórias tentadoras de exploração que ouvira ou mesmo que

tirava da própria ideia.

Viviam nesse mundo infantil, encantado e imaginário de atrevimento com aquela vontade incontida de ir sempre mais.

O tuxaua um dia tinha sido um desses também. Reunira um bando de moleques que pensavam ser exploradores.

Agora tinha que desiludir os curumins que andavam no campo, fazendo coisas que ele mesmo fez um dia.

Tinha que achar um jeito para dizer que naquele jardim sem tamanho havia um guardião que aparecia, de vez em quando, para uma visita inesperada.

A maloca ficava na enseada, plantada no meio de um teso de moitas de caimbés e outras árvores que juntas se sustentavam. O campo ia ficando mais limpo à medida que se afastava da serra e os mirixizeiros atraíam os periquitos que agitavam as tardes mormacentas.

O velho tuxaua descansava deitado num cochilo involuntário, no balanço da rede, às duas da tarde, quando o vento cessava de repente e o calor dominava. Exausto de pensar em como dizer para os curumins que passear no campo, seguindo canto de passarinho, que escutar e querer chegar à cachoeira poderia ser perigoso demais.

Sabia que não seria fácil fazer os curumins entenderem e se não fosse tão convincente, seu plano podia não ter o efeito esperado.

Canaimé não é lenda! É um sujeito perverso, meio homem meio bicho, dizem, mas de uma beleza indescritível. Mora longe nas serras altas do outro lado do rio, num lugar que

só eles conhecem.

Não fala porque é meio bicho meio homem. Apenas grita e anda saltando no meio do mato. É infalível no ataque e a pessoa quando não morre na hora, vai morrer em casa, muito humilhado.

Sutilmente rouba as ideias da vítima como o vento afasta o calor, no primeiro sopro, porque domina alguns segredos da natureza.

Quando um Canaimé te vê, as tuas palavras fogem, o teu rosto congela, os olhos dominados adormecem e o grito é interno, de pavor.

A sua beleza é um apanhado das melhores cores. Um brilho sedutor se projeta nos olhos em chama. É a perfeição num corpo saudável, forte como o tamanduá e rápido como uma onça.

O dia é todo dele. Gosta de passear, elegante, percorrendo as linhas de vento sem ser notado. Gosta de lugares sombrios e afastados das malocas. Anda sem compromisso, nas tardes longas de verão, quando o pasto está seco e a fina poeira logo apaga o último rastro.

Vestido com sua roupa original, imitando as feras do mato, só anda fora do caminho, pulando de moita em moita.

Nas tardes de verão, quando a perdiz assobia “três vezes três” nos galhos dos caimbés e de repente para, cuidado, quando isso acontece, pode ser um sinal que por ali vai passando um Canaimé.

Na maloca, logo a noite de lua fina se levanta e os

parentes reunidos no terreiro se entreconferem. Estão todos ali e, então, acendem uma fogueira bem no meio dos barracões.

Todas as noites acontece a mesma coisa. Ficam ali até mais tarde sentados em volta da fogueira. Os mais velhos fumam e conversam, riem muito e, quando o assunto interessa a todos, chamam as mulheres e os curumins para a roda da conversa.

Nessa noite o tuxaua irá falar sobre o Canaimé, por isso chamou todos os curumins para sentarem com ele em volta da fogueira. Parecia um pouco incomodado e os curumins já estavam desconfiados daquela atitude. Entrelharam-se como se perguntassem o que tinham feito de errado, pois estavam certos de que iriam levar uma lição daquelas.

Mas ficaram despreocupados quando o velho começou a contar o que parecia mais uma de suas fantásticas estórias.

Era uma estória de pescaria, que aconteceu quando ele ainda era um rapazinho e foi mais ou menos assim:

Logo que cruzaram as mangueiras e dobraram na linha do rio, ouviram o barulho da corredeira que roncava como um bichinho manhoso. Mas, a poucos passos do lajeado de pedra negra brilhando ao luar, o ruído ao pé da cachoeira era tudo que se ouvia.

Um assobio frio, vindo de trás, já veio lhe arrepiando o cabelo e, no choque do agouro que lhe entrou pelos pés, congelou por um instante e tudo ficou fora do tempo.

Os outros parentes já estavam pescando. Ele tinha se atrasado para pegar alguma coisa na maloca.

Os parentes gritavam enquanto pegavam os peixes. Um pirandirá, um jandiá e um surubim. Mas não dava para escutar nada, só aquele assobio triste.

O velho lembrava tudo vividamente. Ainda conseguia sentir o medo terminal dos cachorros esqueléticos, que ficaram estáticos na laje, esperando os pescadores.

Estes cachorros eram valentes e ferozes, mas aquela noite mal podiam com eles. Largaram logo a voltinha que davam para enganar o dono.

Os cachorros sabiam que ali mesmo, tatu não, mas mucura, tamanduá e raposa andavam se topando. Mas nesta noite nem na moita. Ficaram na laje acompanhando a pescaria.

O silêncio que sobrava do barulho da cachoeira era quebrado pelo grito desesperado do pescador retardatário, que ninguém conseguiu escutar.

Quando terminaram a pescaria e procuraram o companheiro na laje, não o encontraram. Apenas os cachorros aflitos e atordoados.

Deixaram a enfiada de peixe na laje e procuraram o amigo mais um pouco ali em volta, mas não o encontraram. Então, pegaram os peixes e voltaram para a maloca.

No dia seguinte, o índio também não apareceu e só foi encontrado alguns dias depois um pouco mais abaixo do ponto da cachoeira, com o corpo todo ferido e quebrado.

Estava morto, claro, e dizem que o culpado foi o Canaimé.

Pronto, foi o suficiente para os curumins conhecerem o monstro e, com base na história que o velho contou, parecia que

já conheciam o bicho há muito tempo.

Era muito medo.

Da forma como foi contada a história, com detalhes e demonstrações de movimentos, os pequenos entenderam direitinho o recado.

Mas nem todos os curumins ficaram com medo. Um, o mais afoito, ficou pensativo, mirabolando um plano na cabeça.

Os curumins fizeram muitas perguntas ao velho tuxaua e, quanto mais detalhes sabiam, com mais medo eles ficavam.

Lá pelas tantas, começaram a entrar. A fogueira estava acabando e estava na hora de dormir. Aquela foi uma noite muito difícil para os curumins. Por causa do medo, tiveram muitos sonhos ruins. O velho agora estava mais aliviado. Tinha contado tudo o que sabia sobre o Canaimé e, de agora em diante, sabia que os curumins já tinham condições de cuidar de suas próprias sobrevivências.

Passou-se um tempo e o grupinho de exploradores deixou de sair sem rumo como antes, ficando mais em casa na presença de todos.

Mas aquele, o mais corajoso, continuou perambulando por aí sozinho, já que ninguém se ariscava a ir com ele com medo de encontrar o Canaimé. Esse medo ele não tinha e estava mesmo decidido a encontrar o bicho misterioso que assustava todo mundo por ali.

O porquê daquela obsessão só ele sabia.

Um dia, nas suas andanças, passando perto de um olho d'água, resolveu se refrescar. Desceu para a gruta e alcançou a

água. Bebeu, molhou o rosto e o cabelo e já ia voltando quando escutou um assobio.

Olhou de relance e o assobio já estava em outro rumo e quando olhava para lá, o som já vinha de outro lado.

O curumim, então, sentiu um sono profundo, mas antes, ele viu um bicho diferente se movendo entre os arbustos e os raios de luz que entravam na copa das árvores se apagaram. O curumim dormiu profundamente. Um dos segredos do Canaimé é soltar no ar um pó de folhas secas para adormecer suas vítimas.

O Canaimé, que era temido por suas maldades com as pessoas, pegou o curumim nas costas e o levou embora para o alto da serra onde morava.

Na maloca deram por falta do curumim, procuraram por muitos dias e nunca mais o encontraram.

Na casa do Canaimé, o curumim feito do sono não se lembrava de nada. Não tinha voz, nem saudade ele sentia. Ficava o dia todo trancado quietinho em uma gaiola grande feita com pedras.

Ali também tinha muitos couros velhos, penas e ossos de animais.

Um dia, saíram os dois para um passeio nas redondezas e, então, o curumim explorador agora era o que queria, o filho do Canaimé. Era um Canaimé Curumim e estava fazendo a sua primeira ronda.

Depois que o curumim sumiu, nunca mais teve ataque de Canaimé naquela maloca e os curumins que nasceram depois já

não acreditavam nessa estória de Canaimé.

Porém, o Canaimé existe, e ainda hoje, castiga severamente quem não tem bom coração.



A ENCANTADA



O pai vivia no garimpo. Ia logo que cessavam as chuvas e o rio começava a baixar. Deixava a casa provida e a mulher contrariada. Ficava olhando até que ele sumisse entre os caimbezeiros com suas coisas nas costas.

Passar o verão sozinha estava acostumada. E com as crianças pequenas, a lida, ela dominava bem. Era pra tudo. Nem viu o tempo passar. Quando viu as crianças tinham crescido e ela ainda esperando apaixonada.

A vida no lavrado era como uma flor que todos os dias abria e todas as noites fechava para abrir novamente. O tempo ali era outro e as notícias vinham como as águas pela beira dos rios.

As árvores da fazenda já estavam florindo. Na descida para o porto, tinha uma linha de flamboyants. Um terreiro grande com hortas e muita criação. Uma casa ampla, iluminada. Poço, barracões e currais. Era isso, o cercado em volta da fazenda e o lavrado sem tamanho. Alguns vizinhos, longe, que se visitavam raramente.

Perto da casa, tinha um igarapé onde eles fizeram um porto. Certa vez, o filho mais velho, que já era um rapaz esbelto e corajoso, desceu para o porto para dar banho nos cavalos depois de trabalhar o gado. Estava nos seus dezessete anos. Para lá, ele foi guiado em sonho. Desse sonho, ele viveu a história mais incrível de sua vida.

Depois de muito tempo, ele contou a história do mesmo jeito que passo a contar agora. Disse que era numa bela noite de uma terça feira. Ele estava no igarapé. Depois de cuidar do cavalo, ele foi tomar o seu banho.

No sonho, ele estava tomando banho, em cima de uma tábua, na beira da água, quando aquela voz lhe perguntou:

- Você tá tomando um banhozinho?

Ele virou.

- Tô.

Respondeu quase automático e olhou para a dona da voz. Uma mulher despida estava um pouco atrás dele. Ela veio mais pra frente um pouco.

Ele ficou olhando pra ela.

Então ela perguntou:

- Você gostou de mim?

Ele disse:

- Gostei quem é que não gosta de mulher.

Ela, despida, completa. O cabelo dava na curva da perna. Era liso. Ela não era muito alta. Era morena de sol e irradiava as cores do fim da tarde.

Ela disse:

- Eu já vou, minha hora está terminando. Era seis da tarde.

Ele disse:

- Tá bem.

E ela foi. De costas, só apareciam seus pés descalços abaixo do cabelo. Ele mudou a vista e, quando procurou, não a viu mais.

Foi assim o primeiro encontro deles.

Na outra noite aconteceu do mesmo jeito, na mesma tábua e no mesmo lugar. Ele estava lá e ela perguntou:

- Tá tomando um banhozinho de novo?

Ele disse:

- Tô.

Como se fosse um ritual, ele virou e ela caminhou mais para o seu lado. Mas as costas dela, ele nunca viu.

Aí ela disse:

- Você gostou de mim?

- Gostei.

Respondeu ele.

Então ela respondeu:

- Me achou bonita?

Ele disse:

- Achei.

Aí ela disse:

- Olha, amanhã, eu posso ir lá na sua casa?

Ele disse:

- Pode.

Ela completou:

- Amanhã, eu vou com você lá na sua casa.

Ele disse:

- Tá bom.

Quando foi na outra tarde, ela chegou. Ele estava na mesma tábua. Dessa vez não era mais sonho e era sábado. Todos tinham ido para o vizinho, em casa não tinha ninguém.

Ela falou as mesmas coisas sobre o banho.

Ele olhou para ela.

Ela falou:

- Vamos embora lá na tua casa.

Ele saiu. Ela do lado direito e ele lado esquerdo. Tudo junto, emparelhado. Ele andava um pouco devagar, ela atrasava também. Ele queria olhar a costa dela, mas isso ela não deixava.

Bom, chegaram na casa, e ela olhou tudo.

Aí ela disse:

- Vamos embora para casa, tá chegando a hora.

Era mais ou menos seis horas.

Ele foi com ela. Voltaram para a beira do rio.

E então ela perguntou:

- Eu posso vir amanhã na tua casa te buscar?

Ele respondeu:

- Pode.

Quando deu a hora, ela chegou. Ele tava na mesma tábua.

Ela disse:

- Amanhã eu vou te buscar.

Todos os dias, ela repetia a mesma coisa. Ele já estava envolvido. Teve vontade de pedir para ir logo, mas se conteve. Enfim, no outro dia, ele foi com ela, na casa dela.

Quando ele chegou na beira da água, olhou e viu uma camisa de cobra. Uma casca mais ou menos assim.

Ela disse:

- Pode entrar, isso aí não é nada não. Isso aí é a minha roupa.

Ele entrou na água com ela. Mergulharam no fundo e entraram na casa. A casa era toda branquinha. Para onde olhava estava se vendo. Mas a costa dela ele nunca viu.

Ela destrancou porta por porta, quarto por quarto. Havia muitos quartos. Passaram perto de um quarto e ele perguntou:

- Por que você não abriu esse quarto?

- Esse aqui é pra quando você estiver morando comigo aqui. Daí eu abro.

Na segunda porta, no segundo quarto para sair, ela disse:

- Vamos, é que a hora está chegando. Amanhã eu vou te buscar para vir morar aqui comigo.

Ele disse:

- Tá bom.

Ela voltou com ele até em casa, depois voltou para o rio

sozinha.

Só que no outro dia, amanhecendo o dia, ele não tomou café. Nem sequer almoçou. Não comeu mais. Estava meio esquisito, aéreo. A mãe e as tias perguntavam o que tinha acontecido que ele não queria comer.

Ele também não falava, não conversava, mas pensava atordoado no convite de ir morar com aquela moça no fundo do rio.

Foi então que teve um recobro de lucidez e, decidido, resolveu contar o que estava acontecendo.

Contou tudo. O sonho, o plano da moça, onde e como era a casa dela. Ninguém acreditou. Depois que contou, deu vontade de comer tudo. Foi como se saísse de uma enfermidade. Ele comeu e, depois, veio o esquecimento.

Ele esqueceu a moça e, na hora do encontro, ele não apareceu.

Ela veio e esperou a noite todinha no frio. Depois foi embora triste, de manhãzinha. No outro dia, ela não veio e, nem nos sonhos, voltou a aparecer.

Até aí, tudo bem. Um rapaz sonhador e sua mãe preocupada. Tudo não passou de uma brincadeira sem graça. Pelo menos pareceu.

Mas depois disso, ela apareceu. Muita gente a viu sentada. Numa pedra no meio do rio.

O pai dele, o Vicente Espalha Brasa, o Vicente Mambira e várias outras pessoas viram. Ela lá, penteando o cabelo. Mas ele nunca a viu desse jeito.

Bom, passaram um ou dois anos. Eles estavam no curral botando vaca. E ele e o irmão, umas seis e pouco, quando chegou mais ou menos umas trinta pessoas. Essas pessoas pareciam índios em viagem e acamparam na beira de um rego limpo. Esse rego tinha uma baixada com árvores frondosas. Era bom para armar rede. Era bom para tudo.

O irmão dele disse:

- Vamos embora. Esse pessoal pode pegar a gente.

Eles foram embora sem olhar para trás, e o grupo de pessoas ficou lá reunido.

De manhã foram tirar o leite. Olharam para lá e não tinha mais ninguém. Só um cachorrinho bem magrinho que ficou uivando. Parecia ter sido deixado para trás.

O irmão dele disse:

- Ainda deixaram um cachorrinho.

Foram lá onde haviam dormido e viram que lá não tinha acampado ninguém. Não tinha vestígio de nada. Nem rastro tinha.

Aí aquele cachorrinho foi latindo, cada dia mais perto da casa. Até que um dia ele latiu bem na beirinha do terreiro. O terreiro era grande. No outro dia ele latiu no meio do terreiro. Eles corriam atrás dele, mesmo assim ele voltava a latir.

Tudo estava muito estranho, quando chegou um curador por nome Zé Galdino, que estava de passagem para a Venezuela.

A mãe disse para ele:

- Zé, aqui tá acontecendo isso, assim assim. Contou os

eventos e como estavam acontecendo.

Ele disse:

- Vou ficar, Augustinha, para ver o que tá acontecendo.

À noite, ele colocou a banca. Colocou uma santinha e uma vela de um lado e outro da santa. Colocou uma vela embaixo da mesinha também. Nove horas da noite, ele estava fazendo o trabalho. Mandou todos olharem pro céu e ver o que tinha lá.

Todos foram pra fora, olharam pro céu e viram uma nuvem escura, mais ou menos do tamanho de um forno médio. Bem escura, tava mais ou menos com cento e cinquenta metros de altura. Ai eles voltaram para dentro de casa.

Ai ele falou:

- Adolfo. Pro garoto que tinha sonhado com a mulher.

- Lá no caminho do porto, lá tem um pé de tajá, bem no pé do marimari, trás uma folha dele para mim.

Era mês de dezembro, estava cheio de marimari florado. Adolfo foi lá, chegou, olhou e não achou o tajá. Voltou e disse que lá não tinha tajá nenhum.

Depois da segunda tentativa, o rezador o acompanhou e, de longe, disse:

- Olha lá o tajá.

Era um tajá que nasce no igapó no inverno. Quando nasce todo rajado, parece uma cobra.

O curador disse:

Agora tu pega aqui na ponta que eu vou cortar no pé. Ai ele pegou na ponta e cortou a folha.

Adolfo foi atrás. O rezador na frente. Adolfo atrás via que ele ia torcendo aquela folha. Quando chegou na beira do terreiro, ele deu o primeiro nó. No meio do terreiro deu outro nó. Ao pisar o batente da porta, o terceiro nó. Quando amarrou o feitiço em três nós, desatou a ventar e um frescor agradável percorreu o ambiente.

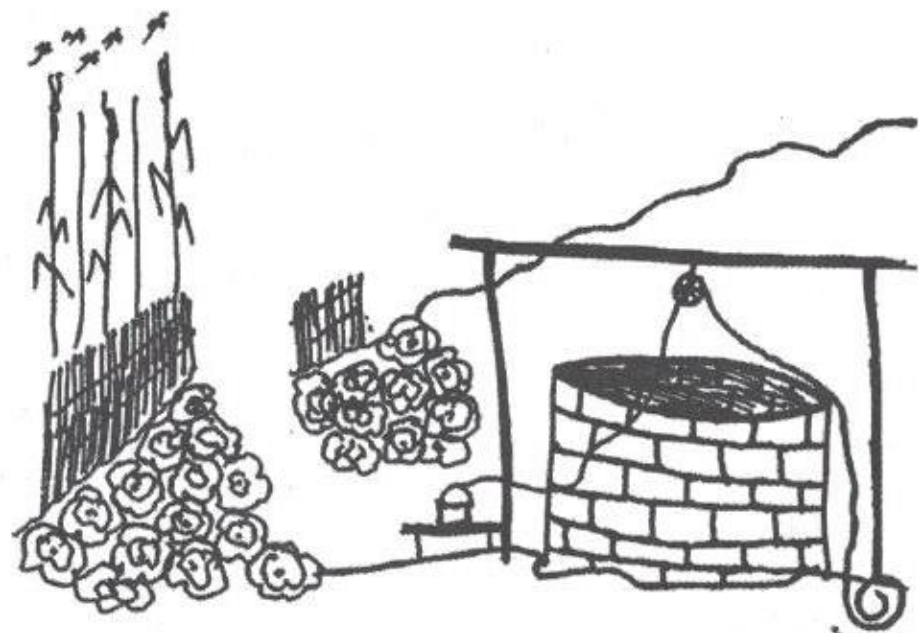
Entraram todos juntos para o quarto. O rezador sentou e abaixou a cabeça por um longo tempo. Todo mundo estava calado. Ele pegou a folha do tajá com os três nós e jogou pela janela, por trás das costas dele. Trabalhou mais um pedacinho, parou e disse:

- Olha tá tudo salvo. Aquilo que vocês viram lá não era caboco. Aquilo era uma serpente. Uma encantada que apareceu no formato de caboco. Aquele cachorrinho que veio latindo, quando latisse no batente da porta, vocês todos iam morrer. Era uma serpente que tava caminhando pra casa de vocês.

Adolfo ficou pensando. Depois que o rezador disse aquilo, ele se lembrou. Talvez fosse sua namorada que veio procurá-lo. Ficou zangada por que ele não foi com ela e veio matá-lo pra comer.

Com o encantado, se você se compromete a desencantá-lo, não pode falhar. Tem que desencantá-lo. Do contrário, se ele tiver cem anos de encantado, dobra mais cem anos.

A encantada era uma moça bonita da região. Tentou desencantar, colocando o rapaz no fundo do rio no seu lugar. Na última hora ele desistiu de ir com ela. Ela continuou lá por mais cem anos.



UM DIA NO SÍTIO



No céu já despontava o arrebol. Era sábado, mas não tinha essa de dormir até mais tarde. O dia chegava apressado e, naquela hora, tudo parecia se repetir.

O bater das asas seguido do canto estridente do galo. De hora em hora, repetia o canto e, quanto mais clareava, mais o galo aumentava a frequência e o volume da cantata. Era um galo jovem e, muito alerta, anunciava as horas sem atrasos.

Aos poucos também começavam a piar baixinho, no jenipapeiro perto da janela, uns passarinhos invisíveis. E longe na capoeira, as aracuãs se anunciavam. Cantavam a certa distância, mas pareciam estar dentro de casa pelo canto que soava íntimo e confortante.

Os bezerros mugindo no curral. Da cozinha, perto das redes do pai e do curumim, que já não estavam lá, vinha o barulho da cozinha, barulho da mãe mexendo nas panelas como se dissesse bom dia.

Sim, haveria de ser um dia bom.

Os curumins também acordavam muito cedo e o carinho que recebiam vinha de um friozinho brando e companheiro.

Com muitos filhos e pouco tempo para carinhos, a mãe ensinou desde cedo que o colo sempre deve estar disponível.

Logo as redes estariam suspensas e as janelas sempre abertas recebendo luz. O dia tomava conta da casa e o quarto aconchegante deveria ser esquecido por enquanto. Aquele despertar demorado, gostoso entre cochilos derretido na preguiça não existia. Acordar e levantar era sempre muito rápido, como uma separação abrupta.

Não era fácil conseguir um pouco de tempo para observar a beleza da manhã. Não tinha silêncio. Tinha um ritual de afazeres. Uma rotina necessária como a própria sobrevivência, onde todos os dias são comemorados. Uma vida vivida como se fosse o sol, que se deita e se levanta na hora certa todos os dias para trabalhar.

O pé de taxi ao lado do barracão amanheceu repleto de abelhas nas flores recém abertas, fazendo um zumbido estridente. O perfume das flores no ar era algo novo naquele dia especial. O taxizeiro embora florido, não era a árvore mais bonita por ali.

A casa, do alto, mal aparecia entre o dossel da floresta de

mangueiras que a rodeavam.

Uma casinha protegida entre as copas, que rebatiam o sol e ofereciam sombra e conforto o ano inteiro. Do alto, também era possível ver os caminhos enviesados entre as moitas de caimbés que pontilhavam o campo bege.

Os curumins não iriam à escola, mas praticariam os saberes do instinto. Conhecimentos ancestrais que já nasciam com eles. Habilidades natas que deveriam ser aprimoradas. Experiências preciosas em vivências que, só entre os seus, os homens sábios revelavam, a bem de garantir a perpetuação daquelas habilidades. Conhecimentos básicos que lhes permitiram atravessar o tempo e se fazer presentes.

O sábado era o dia reservado às pescarias coletivas e esta era a lição elementar para os curumins. Para as cunhatãs, o exercício era a dor silenciosa da saudade e a destreza em lidar com os sentimentos mais verdadeiros.

Por isso, a epopéia começava mais cedo e nada poderia ser mais especial que o pai no curral tirando o leite. O curumim soltando os bezerros, controlando a porteira, quase pisoteado pelos bichos que se amontoavam querendo sair.

As meninas na cozinha fazendo fogo, limpando as cinzas da noite passada com uma vassoura velha sem cabo. Recolhiam as cinzas, ainda com sono, e não percebiam que não variam cinzas, mas o resto das histórias das árvores queimadas. Eram morenas de cabelos lisos e negros. Os corpos torneados com a beleza da pele ideal. Todos sorrindo entre si, como velhos amigos. Uma família e seu destino lançados naquela vastidão de

campo seco, numa terra sem limites, onde navegantes perdidos naufragaram, onde no verão os ipês amarelos floram juntos nas serras lindeiras.

Ainda estava escuro, na cozinha, mais ainda pelo breu das camadas de anos de fumaça impregnada nas paredes, nas palhas da cobertura, em tudo. O fogão à lenha tinha na altura dos braços uma parte reservada para as panelas esfriarem.

Logo o fogo estaria aceso, novinho nas cascas de mirixi molhadas com óleo usado, soltando uma fumacinha com um cheiro que lhes parecia o próprio cheiro das manhãs. O fogo era como a certeza da vitória, ainda mais por saber que dali, logo sairia uma comidinha quente.

Depois todos se encontravam na horta para molhar os canteiros e as plantas do jardim. Com baldes cheios, se punham a molhar, uns a horta, outros o jardim com flores púrpuras. Era um jardim bucólico, quase plasmático, na frente da casa, onde todas as manhãs os colibris visitavam as flores escarlates dos hibiscos. Sentavam um segundinho num galho e então saíam num voo rasante como se dissessem obrigado ou até logo.

Mas eles não os viam porque passavam apressados e pouco dispostos. Não viam que aquele verde e aquelas flores eram eles quem os mantinham vivos quando molhavam as plantas todos os dias.

O olhar das crianças para as novidades que ainda estariam por vir acabava deixando passar despercebidas as cores que modelavam a vida. Esses detalhes pequenos e carentes de existir, que cintilavam nos olhinhos negros.

A pescaria era com malhador e tarrafa. Os melhores lugares para pescar no verão eram nos poções ou nos pés das corredeiras. Os peixes estariam no poção ou tentando subir a corredeira.

Pescar era tarefa dos homens. Para as mulheres era o dia para lavar a roupa suja de toda uma semana. Comparando o prazer dos curumins com o prazer das cunhatãs, lavar roupa no igarapé era o mesmo que pescar. Seriam lugares diferentes, porém iguais nas possibilidades.

Entre traquinagens e danações, numa rebeldia quase selvagem, as crianças excitadas esperavam ansiosas a hora de chegar ao igarapé.

Quando lá estivessem, poderiam correr descalças, sentindo as pedras lhes massageando os pés, ver as piabas e jogar a linha de brincadeira. Poderiam ver como as folhas caíram desde a última vez. E na beira, ver muito mais pássaros, próprios da estação. Com sorte veriam as pegadas dos bichos que rondavam a beira na alta noite, perseguindo os peixes sonolentos.

Deviam sair logo depois do café, o segura peito, como era chamada aquela primeira refeição. Era um café da manhã reforçado para garantir força ao trabalhador no serviço pesado até que chegasse a hora do almoço.

As vivências familiares, naqueles lugares distantes, remontavam a uma ideia de paz e tranquilidade. Por dentro, no dia a dia, era tudo tão intenso como a sobrevivência em qualquer outro lugar.

Tudo lhes era próprio, dos costumes à concepção de mundo. Uma casinha no meio do infinito, longe de tudo e perto do paraíso, onde todo o alimento era tirado dali mesmo.

No auge da fúria solar, o poço, quando não secava, ficava com pouca água. Não dava para lavar roupa. A água só era suficiente para o asseio, o consumo dos bichos, para os canteiros e para o peixe que morava no poço.

Toda casa naquele mundão tinha um poço e todo poço tinha um jiju, o peixe que também trabalhava. Era o faxineiro. Limpava o poço, devorando tudo que caísse na água. Estranho um peixe viver no poço, mas eles cresciam esquecidos lá dentro.

Para ver melhor o Jiju, era preciso esperar que o sol estivesse exatamente no meio do céu, quando a luz incidia direto no fundo e a água limpinha revelava o bicho em detalhes. Só assim era possível ver aquele peixe solitário, por inteiro, quase imóvel na superfície à espera que algo caísse para ele comer.

Curumim danado quando ficava sem fazer nada, estava fazendo traquinagem. Ficava à beira do poço jogando qualquer coisa parecida com comida de peixe na água.

Um dia um danado foi além e jogou linha com anzol e o peixe físgou e, não tendo jeito, morreu. Ainda tentou lhe devolver a vida como se pudesse. Se agarrou nessa esperança. Mas o peixe amanheceu boiando e a inocência do menino falou por ele, revelando no semblante a autoria do fato. Deve ter sido castigado, a danação fora tamanha.

Havia uma espécie de carinho por aquele peixe. Talvez acreditassem que tivesse poderes sobre a água do poço para

nunca deixar secar. De modo que brincadeiras como aquela não poderiam existir. Era de estimação como eram estimados os outros bichos.

A mãe ainda preparava as delícias para o segura peito auxiliada por uma cunhatã mais velha, escolhida porque se destacara nas lições de culinária e em outras prendas domésticas.

Era nessa hora, quando caprichava na receita que compensava a falta de carinho com os filhos. Mas o segredo mesmo estava no amor e na dedicação com que trabalhava.

No final, tinham essas opções: bolinho de chuva, roscas, as preferidas dos curumins, cuscuz, mingau de variados sabores; de milho a carimã.

Ainda poderia ser coalhada, bolo de milho, jirimum com leite, batata com leite, chibé de leite com carne assada, tapioca com leite e beiju com manteiga de garrafa. Isto sem falar nas opções do inverno, quando tinha milho verde na roça.

Ao mesmo tempo, no quarto, as outras cunhatãs separavam as roupas sujas, classificando por cor e usos, arrumando conforme deveriam ser lavadas. As brancas de um lado e as coloridas de outro, exatamente como aprenderam com a mãe, que nesta hora gritava da cozinha mandando dali, cobrando de lá. Monitorando tudo, mesmo sem sair daquele cantinho entre a mesa e o fogão.

Os curumins cuidando dos bichos, colocando comida para os porcos do chiqueiro, amarrando as galinhas com pintos dentro do barracão. Todos empenhados em apressar a saída e

nessa hora da manhã depois de tanto esforço, o desafio era cruzar o terreiro, passando perto da cozinha, de onde aos poucos exalava o cheirinho do café despertando uma fome sem tamanho.

Mas no pouco tempo entre o despertar e àquela hora, mesmo tendo trabalhado bastante, continuavam com afinco a fim de deixar tudo pronto para saírem na hora certa. Era o cheiro da cozinha que alimentava as forças e dava certo conforto aos pequeninos.

O pai arrumava as tralhas da pescaria, conferia tudo e separava em sacos diferentes. Amarrava na garupa da bicicleta esperando a chegada dos tios e outros amigos, que vinham das vizinhanças e até do outro lado do igarapé. O encontro era uma comemoração.

A mãe, percebendo, levantou a vista um pouco para a manhã, e mandou uma cunhatã chamar os homens para comer.

À mesa posta, na áurea manhã como a dos contos, eles celebravam a refeição com os pescadores, companheiros que tomavam só um cafezinho puro, socializando um pouco de prosa.

Então tinham terminado a primeira lista de afazeres e o encontro com o igarapé estava mais perto. Pensando no banho e nas brincadeiras, já não estavam cansados. De fato, o dia para eles começaria dali em diante, quando deixassem para trás a casa fechada, os bichos alimentados e saíssem em silêncio sem despedida.

As mulheres seguiam em fila, com carrinhos de mão,

baldes e bacias na cabeça. Pareciam felizes e protegidas pelos cachorros que iam à frente, cruzando o caminho em saltos longos, perseguindo os camaleões e tiquiris. Tudo que encontravam pela frente botavam para correr. Se o homem pensa que domina a natureza, os cachorros têm parte nisso. Um lote de perdiz, um tamanduá, fosse o que fosse era melhor sair da frente.

Os homens, que saíram primeiro e já iam longe, pedalando entre os caimbés no caminho do Lameiro, encontraram a índia Rosinha montada no jumento. A visão era quase de um único ser, porque, como a velha senhora, o animal tinha os olhos tristes como uma criança que não conheceu o amor de mãe.

Ia ter damorida na maloca da Rosinha, que não fora pescar. Ela queria comer damorida de tambaqui, que só vendia no mercado. Rosinha saiu de madrugada para o mercado, que ficava distante e no jumento talvez adiantasse a volta. No entanto o bicho não tinha pressa e arrastava os passos como se arrastasse o peso do mundo.

A manhã, com cinzas do orvalho na pontinha do capim subia e começava a esquentar. No campo já levantava uma cortina de poeira. No igarapé, correndo apressada entre um poção e outro, uma fina corrente de água fria parecia frágil, como se tivesse medo de se perder entre as pedras negras ou simplesmente ser tragada pela terra sedenta.

Na margem, embaixo das sombras das árvores grandes, ficava muito seco. Na água parada, as folhas amarelas caíam,

flutuando com uma beleza indescritível.

A roupa era lavada à sombra de uma grande árvore, que do alto do barranco, pendia para o leito. Os raios do sol entravam ali enquanto ainda eram saudáveis, mas com o avanço do dia a sombra se projetava oferecendo abrigo como uma manta protetora. A tábua de lavar era montada sobre pedras e troncos secos que serviam de base.

A mãe, sentada na tábua com os pés submersos, trabalhava apressada, jogando água com uma mão e ensaboando com a outra. Em pouco tempo as piabas lhes beliscavam os pés, mas ao bater a roupa na água, ela espantava as atrevidas para longe.

As mulheres passavam toda a manhã naquele porto, que agora, era como se fosse o terreiro de casa, com borboletas amarelas fazendo ciranda e passarinhos cantando um soneto de paz.

Os homens pescavam bem mais abaixo, perto da foz, quase no encontro com o rio, onde, há muito tempo, outras famílias haviam morado. Agora só restavam ruínas e algumas mangueiras centenárias.

Sem deixar a tranquilidade lhes roubar a perspicácia, na eterna vigilância e provisão, alguns cuidados habituais não deveriam ser esquecidos. Na água, os homens usavam botas longas e as mulheres andavam arrastando os pés com medo das arraias. Ambos evitavam as margens com galhos submersos, porque ali gostava de ter poraquê, e este não era um encontro desejável.

A imaginação alimentava outros perigos que vieram com os antigos, nas histórias sobre seres fantásticos que habitavam aquelas redondezas. O respeito pela mãe d'água, o medo de encantados ou outras entidades que só quem vive no mato conhece e sabe que deve respeitar em nome da boa vizinhança.

Receber a permissão daqueles seres para entrar na água e saber dos lugares proibidos podia ser a diferença entre uma vida longa e um fim triste e sem legado.

As crianças conheciam pouco dessas coisas, rumores, mas fosse qual fosse a estória, eram tidas como verdade. Por hora pareciam esquecer estes perigos, quando tudo que faziam era descontraído como se fosse uma grande brincadeira.

A vontade irresistível de caminhar um pouco no meio da mata, ficar sozinho como os bichos, era algo de que os adultos deviam ter saudade, pois foi assim que cresceram, e vez ou outra se viam brincando novamente.

Como fizeram naquela pescaria, quando o malhador foi arrastado pelas feras e enredou no fundo e os homens mergulharam até lá para soltar a rede. Ou quando entraram com a água até ao pescoço para jogar a tarrafa, pisando no monte de folhas de onde saíram bolhas de gás.

Entregues à própria sorte? Não exatamente. Talvez por isso nada de mau lhes acontecia. Eram pescadores bem sucedidos ou talvez tivessem uma oração ou mesmo confiassem na coragem que a pinga dava.

Mas, longe dali, mesmo com toda devoção à santa mãe de Deus, a fé daquela intercessora permitia carregar consigo um

dente de alho no bolso, só por garantia. Era um cuidado de mãe, um capricho de mulher, como cuidar das roupas mais encardidas pelos serviços mais pesados.

As meninas enxaguavam e estendiam as peças nos galhos dos arbustos, ensimesmadas e indiferentes àquelas batalhas espirituais que a mãe travava com o acaso, num fervoroso e íntimo pedido de proteção.

O porto também era o bebedouro e, lá pelas dez horas, as vacas desciam o barranco para beber. Eram como famílias; tinham nome e parentesco. Careta e Cambraia eram mãe e filha e as preferidas porque eram as mais dóceis, as mais leiteiras e as que davam crias fêmeas.

Os animais desciam em grupos, surgindo do meio da nuvem de poeira levantada por eles mesmos. Receosos farejavam o ambiente em busca de segurança e se espremiavam na margem para beber. Matavam a sede e retornavam ao pasto com as barrigas ainda maiores.

Os homens cercaram um poço profundo, depois jogaram as tarrafas. A pescaria rendeu muitos peixes. Pegaram surubins grandes, suficientes para cada um do grupo, e ainda pegaram muitas matrinxãs no carrapicho, que os curumins escolhiam para si, disputando como se fossem brinquedos.

Entre um gole e uma pitada no fumo de palha, a pescaria passou tão rápido que, quando viram, já estava na hora de voltar. Recolheram os malhadores, dividiram os peixes e voltaram para casa tão felizes quanto partiram. Felizes não só pelos peixes, mas levemente atordoados se equilibrando com as bicicletas nos

caminhos do gado.

Por volta do meio dia, as mulheres também terminavam suas atividades, recolhendo as roupas, separando as secas das molhadas. Com as cargas definidas, suspiraram vendo a água convidando a um mergulho. Foram todas juntas para uma parte mais profunda e brincaram como fazem os passarinhos nas chuvas da tarde.

Em dezembro, quando é tempo de caju, uma nova atmosfera tomava conta dos campos. Os cajueiros atraíam toda a vida ao redor com o cheiro das frutas maduras. As abelhas aproveitavam. Teriam mel com abundância. Nas árvores, cajus amarelos ou vermelhos de todos os tamanhos. Em baixo, limpo como um terreiro de tanto que o gado rondava catando as frutas que caíam no chão.

O sol a pino, brilhando com esplendor, distribuía a sombra das nuvens no campo, que refrescava um pouco o calor sufocante, mas passavam rápidas e não traziam chuvas. Eram nuvens em viagem. Logo o sol dominava novamente.

A largos passos, as mulheres chegavam em casa, sedentas e famintas, não pelo trabalho, mas pelo enfado do sol impiedoso. Apenas a borracha das sandálias separava seus pés da areia escaldante.

A última chuva tinha sido há quarenta dias. Estava muito quente e a paisagem tremia sob o efeito do calor. Com o ar em movimento, descendo e entrando nas moitas frias, não era difícil aparecer redemoinho de repente, levantando poeira no caminho.

A frente do sítio era cercada, protegendo as roças de mandioca. Era uma cerca de arame, onde as roupas ficavam estendidas para secar. Era bonito o colorido das roupas estendidas no arame e, quando iam secando, balançavam ao vento como sinal de que já estavam secas.

Na chegada das mulheres, os homens já estavam em casa esperando com bacias recheadas. A família se separou pela manhã e se reuniu novamente ao meio dia. Famintos, mas esse era o propósito, viver.

A mãe agradecia pela fartura e por ter sido atendida nas suas orações. Os tios e os outros companheiros já deviam estar nas suas casas e a família estava sozinha e completa novamente. Os peixes eram bonitos, mas o surubim foi o grande troféu daquela vez.

As meninas, sem esperar, pegavam as facas e tratavam os peixes com maestria. Logo estariam à mesa, mas antes um pouco de tortura sentindo o cheiro do peixe fritando.

A meninada não tinha jeito, gostava mesmo do peixe frito. Preferindo a parte do rabo da matrinxã ou filé de surubim com farinha temperada com o óleo da fritura e um pouco de sal. Era esse o prato predileto dos pequenos.

A mãe e o pai só comiam caldeirada, com nata de leite e cebolinha de palha, mergulhando um pedaço de beiju no caldo apimentado. O cheiro era tentador, mas o frito prevalecia. Todos comiam ao mesmo tempo e nessa hora sagrada faziam em silêncio.

A sesta sempre foi uma prática saudável, especialmente

nos fins de semana. A mãe muito temente, não abria mão da hora do descanso. Trabalhava só quando não tinha jeito, depois rezava em penitência. Eram reis num reino próprio. Acordavam muito cedo, mas poderiam dormir à tarde se quisessem, ou poderiam fazer outras coisas de que gostassem.

Uns preferiam voltar ao quarto e deitar nas redes para um cochilo merecido. Os outros, que não dormiam, deviam colaborar com o silêncio. Como o pai, que depois de almoçar não ia deitar, mas estendia o malhador embaixo das mangueiras e se esquecia do mundo, remendando os buracos das piranhas.

Agora, com todos descansando no mormaço das duas da tarde, era possível perceber os detalhes mais pessoais. O pai sentado num banquinho, tecendo a rede, tranquilo na sombra ventilada. Que pensamentos lhes passavam? Em que tempo estaria? Podia estar lembrando-se da pescaria ou alimentava a saudade dos filhos que já haviam partido. Tinha tudo de um homem pleno e a felicidade era como brotos nas chuvas de maio.

A mãe já havia descansado, deitava mais era só um pouquinho, por tradição. Não era de perder tempo, sabia que era ela mesmo que tinha que dar conta de tudo.

Agora, abria a máquina de costura. Costurar para ela não era exatamente trabalho. Abria a caixa da máquina como se fosse uma caixa de música e como se ela ainda fosse uma menina brincando de boneca.

Não era possível precisar ao certo a tamanha felicidade, mas ao manusear a máquina era como se a mulher navegasse.

Mas ela não conhecia o mar. Talvez, costurando as cores, fosse a forma como ela podia expressar melhor a sua paixão pela vida. E pela família, com a qual aprendeu a ser forte e conheceu o amor.

As meninas ainda dormiam, mas os curumins já andavam perseguindo os anuns, que entravam na bacia para se banhar e, ensopados ficavam presos. Os pássaros em pânico e os curumins brincavam um pouco com eles, depois os soltavam. Eles saíam saltando, ensaiando um voo impossível, e sumiam confiantes no manival.

Outra brincadeira dos curumins era ressuscitar as cabas que morriam afogadas na bacia. Eles as enterravam na farinha e se, em pouco tempo, elas não ressuscitassem, era porque não tinha mais jeito. Tentavam com outra até conseguir.

A vida corria daquele jeito. Corriqueira e irreverente, inesperada, mas com hora certa para tudo. Era simples viver das estações. Quando as chuvas se anunciavam, a terra devia estar pronta para o plantio, pois ao chegar o verão novamente, só teriam que colher as mandiocas para fazer a farinha.

A farinha como a pesca era outro segredo de sobrevivência. A casa de farinha era o barracão perto do pé de taxi, na chegada depois do poço, onde também estavam os canteiros. Viveram boa parte do tempo naquele barracão. Num trabalho místico, onde se via, de fato, o fruto da terra virar alimento.

Depois da casa de farinha, vinha a cozinha, ao lado do quarto e sala onde todos dormiam com as redes uma ao lado da

outra. O terreiro era amplo e sempre limpo, com sombra em abundância e com muitas roças plantadas ao redor.

O sol se despedia, sumindo atrás das copas das árvores. Uma serenata de cigarras vinha da serra, sugerindo um fim de tarde triste e melancólico. Mas talvez não fosse a tristeza que as cigarras cantavam, porque a felicidade das crianças correndo e o soar da criação desmontavam qualquer idéia de sofrimento.

A mãe deixara a máquina. Agora caminhava na horta, absorta entre as plantas e canteiros. A mulher na essência. O pai no curral, sentado na cerca de madeira, conversava com as vacas coisas que se passaram naquele dia, enquanto o cavalo esperava amarrado ao mourão. Todos tinham o que fazer naquela hora. Preparavam-se para a noite que chegava encantadora, com as primeiras estrelas cintilando no céu.

As noites de sábado eram de longas brincadeiras. E neste tempo, ainda era possível deitar no chão e contar satélites vagando na escuridão de um céu sem lua.

Passou uma estrela cadente e cada um fez um pedido, a mãe pediu por seus filhos. Depois, convidou todos para o último banho. Já nas redes, aseados repetiam em coro as orações. E ainda rezando, lentamente se entregavam ao sono.

O vento que passava por cima da serra vinha refrescando suavemente. Entrando pelas janelas que viviam abertas.

Dava pra ver a claridade dos vaga lumes lá fora. Poderiam sair se quisessem. Mas não precisavam, tudo que queriam era estar ali. Assim os dias passaram, e esta estória não tem fim.



*Impresso em 2012 para a Editora Cromos
Fonte Garamond, corpo 14
Capa: papel triplex 250 gr/m²
Laminação fosca
Miolo: impresso em papel sulfite 75gr/m²*

Feito no  PARÁ